

CADERNO Nº 8

CADERNO Nº 8

Instruções diversas do Pe. Manuel Nunes Formigão às religiosas
Do seu Instituto sobre a santificação da vida quotidiana

Santificação da vida quotidiana

Renuncia

Santificação pela busca de Jesus

Disposições preliminares para a procura de Jesus

A doçura e a paciência de Nosso Senhor

O Sagrado Coração de Jesus

Contemplação para exercitar em nós o Amor Divino

Meios de perseverança

Filhos de Deus

A Missa

Conselhos às superiores

A SANTIFICAÇÃO DA VIDA QUOTIDIANA

O Pe. Faber, autor do *Tudo por Jesus*, chamava ao recolhimento “*esse desdobrar da nossa atenção entre Deus e nós*” e dizia que ele era coisa essencialíssima e não havia nada de mais necessário na vida espiritual a não ser o “amor”. Só pode pensar de outro modo quem desconhecer por completo os caminhos do Senhor.

Sem recolhimento, sem espírito de oração, pode talvez dizer-se que uma alma viva vida cristã, mas vida cristã profunda, genuína, verdadeiramente interior e, sobretudo, vida própria de uma alma consagrada, de uma religiosa, isso, de modo nenhum. Mas, para haver espírito de oração e, portanto, recolhimento, é preciso reservar todos os dias algum espaço de tempo à oração e oração deve ser.

É um facto averiguado, que Deus, de ordinário, reserva comunicar-se àqueles que o não procuram no segredo da meditação. E menos ainda lhes abrirá os segredos da sua intimidade. É o que nos ensina Santa Teresa de Jesus: “*É uma loucura, diz ela, imaginar alguém que pode entrar no Céu (com estas palavras ela significava a entrada nos segredos da contemplação divina) sem ter entrado primeiro em si*”.

Teremos nós alguma vez pretendido, estultamente, introduzir-nos nos celeiros do Esposo Divino, alcançar sem esforço as graças celestes, tornar-nos interiores sem ligarmos grande importância à meditação?

Se tivemos essa pretensão, devemos renunciar; se ainda a temos, a ilusão é perigosa.

Mas não se pense fazer a meditação todos os dias só porque Nosso Senhor nos há-de dar consolações abundantes, luzes extraordinárias, gostos sensíveis. Essa seria outra ilusão e não menos perigosa. O que Nosso Senhor nos dará, e só por esse meio e não por outro, será de continuamente lhe sermos fiéis; esta graça, por sua vez, há-de trazer-nos favores inestimáveis e os dons sólidos que geram as virtudes sólidas dos santos e santas de verdade, como Deus o pede e de que o nosso tempo tanto precisa.

Não há santo nenhum, a não ser, porventura, poucos mártires, que se tenham santificado à margem da oração. E também não haverá exemplo de uma alma de oração que não seja uma alma santa, um santo ou uma santa, sem mais.

Portanto, não deixemos passar um só dia sem meditação, mesmo quando doentes, e façamo-la bem feita. Daí depende a nossa santificação.

Sabeis quantos minutos tem um dia. Talvez não saibais. Nada menos de 1440. E, de todos esses minutos, quantos tomam muitas pessoas para pensar em Deus?

Falando só das mulheres, uma revista da moda (trata-se, é claro, das senhoras e meninas da sociedade) diz que a mulher, aos 70 anos, quando chega com vida a essa idade, tem gasto - 3 anos a estudar, 8 a distrair-se, 7 a enfeitar-se, 6 a comer, 5 a passear, 3 a conversar, 11 a trabalhar, 3 a ler e 24 a dormir.

Para Deus, nada ou quase nada.

É certo que, para quem vive em estado de graça, toda e qualquer acção pode equivaler a uma elevação da alma até Deus; basta que haja poder de intenção: oração implícita, mas efectiva.

Mas não terá Deus direito a mais do que isso?

Devemos, pois, ser constantes nos nossos exercícios de piedade, mesmo quando estamos fora da vida de comunidade por qualquer motivo que seja. Devemos perseverar neles contra todos os obstáculos. Devemos dar-lhes a atenção que merecem. Não devemos pedir facilmente dispensa deles. E, se a obediência, a necessidade ou a caridade o exigirem, cumpre que os supramos de qualquer maneira e reformemos o que houver a reformar em nós, à luz destas palavras de S.ta Joana d'Arc: “ *Senhor Deus, o primeiro a ser servido* ”.

É com a vida de cada dia que temos de conseguir a nossa santificação. Quase toda a gente idealiza e deseja santificar-se por fora dos deveres de estado ideal errado. Desejo vão. É com as mil pequenas acções que nos oferece cada dia, e por elas, que devemos realizar a obra admirável da nossa formação religiosa, da nossa santificação.

No Canadá, em S. Paulo de Toronto, inaugurou-se há anos um vitral curioso, em que os jornais falaram muito. Era destinado a comemorar os mortos da paz

de 1914. Na parte superior, estavam representados a dor, a Vitória e o Prémio; ao centro, viam-se reproduções da Catedral de S. Marcos, de Veneza, da Catedral de Amiens, do edifício dos Paços de Concelho de Arrás e dos mercados de Yprés. O vitral é feito de 700 fragmentos provenientes da França, da Bélgica e da Itália, e recolhidas em 50 igrejas, e de 20 outros monumentos destruídos ou danificados pela metralha.

O segredo, a habilidade do artista esteve em compor uma obra prima, servindo-se de fragmentos minúsculos e aparentemente inúteis para o fim que tinha em vista.

Com verdadeiros nadas: o lume do fogão, os tachos da cozinha, o cabo da vassoura, agulhas de coser ou de bordar, água e sabão, um espanador - que sei eu!? - as preocupações ordinárias de arranjo de uma casa... que bela vida, que vida de santa, que vida agradável a Deus se pode construir! Uma pessoa distraída ou indiferente teria acabado de esmigalhar os cacos inúteis que deram origem ao vitral de Toronto. E isto sem reflectir, nem pensar sequer no que fazia. Mas houve um Oficial Canadiano que guardou (?)¹ as pobres relíquias abandonadas e delas fez uma obra de arte, uma autêntica obra prima, uma maravilha que encanta todos os que a vêem.

Sigamos o seu exemplo. Aproveitemos com cuidado, mais ainda, com carinho, todas as ocasiões de mais nos santificarmos, por humildes, pequeninas e insignificantes que nos pareçam. E veremos que formoso vitral assim construimos, quando chegar para nós o último dia sobre a terra.

Péguy, no *Mistério da caridade de Joana d'Arc*, põe na boca de Mauviette, a companheira da Santa, estas palavras: “*Se eu estivesse em casa entretida a fiar o meu cepo de lã... ou se andasse na rua a brincar por ser tempo de brincar, e me viessem dizer: Mauviette, Mauviette, prepara-te, é a hora do juízo, a hora do juízo final, o Arcanjo vai começar a tocar a trombeta... continuaria a fiar a minha lã, nem por isso deixaria de brincar*”.

Os divertimentos das religiosas e a inocência das religiosas são agradáveis a Deus. Tudo o que se faz durante o dia é agradável a Deus, contanto que, como é natural, se faça como Ele quer. Tudo é de Deus, tudo é para Deus, tudo se faz sob os olhares de Deus, todo o santo dia pertence a Deus.

A oração da manhã e a oração da noite, a recitação das Avé-Marias três vezes ao dia, as três refeições principais e o lanche, o apetite ao comer, a benção da mesa e acção de graças, a adoração, o trabalho, o recreio, o terço, a ida a licenças, o capítulo das faltas, o serviço das obrigações, o tratamento das doentes, o cuidado dos animais, os trabalhos do campo, o atender as visitas, o ajudar as Irmãs, o suportar os feitios... E sempre de bom humor, de cara alegre, sem amuos, sem reservas, sem ressentimentos, corrigindo o que há de defeituoso no nosso temperamento ou no nosso carácter e desculpando sempre os defeitos do próximo. É para tudo isto, para todas estas coisas,

¹ Palavra imperceptível.

umas depois das outras, que nós andamos neste mundo; e é tudo isto junto, e são estas coisas, umas depois das outras, que fazem o dia agradável a Deus, o dia cheio de glória para Deus, o dia abençoado por Deus e cheio de méritos para a eternidade.

Era assim que pensava S. Luís Gonzaga. Um companheiro perguntou-lhe: “*Irmão Luís, que faríeis, se viessem anunciar-vos a morte para daqui a meia hora?*” A sua resposta foi: “*Pois... continuaria a jogar à malha*”.

O que nosso Senhor pede de nós a cada instante é a melhor coisa que podemos fazer a cada instante. É que a perfeição do dever de estado consiste em desempenhar cabalmente, por amor de Deus, como, e com o espírito que convém, o nosso papel de criaturas em tudo dependentes da vontade do Criador e da de quem junto de nós O represente.

Talvez nenhuma de vós venha a morrer mártir. É mesmo muito provável que nenhuma de vós goze do martírio. Isto não quer dizer que a era dos mártires tenha acabado. Não acaba nunca, e menos ainda em nossos dias. Haja em vista o que se passou ainda há bem poucos anos em Espanha. Mas nós é que não merecemos tamanha ventura: dar a vida pela honra de Deus e da sua Igreja.

Mas imaginemos... Se um dia tal sorte nos coubesse, que sentimentos seriam os nossos ao dirigirmo-nos para o lugar do suplício? Como havíamos de querer então fazer render todo o seu máximo a esses poucos minutos fugidios?... Como desejaríamos então poder conservar nesse momento tanto amor, tanto, que compensasse a Deus com ele das infidelidades de toda a nossa existência?... Como ambicionaríamos poder resgatar, naqueles curtos instantes, faltas, indelicadezas, cobardias de muitos anos?... Como desejaríamos então ter sido, como quereríamos tornar-nos, em poucos segundos, a santa que Deus reclama?...

Ora bem! O que desejaríamos naquele e para aquele momento devemos desejá-lo e querê-lo para já! Havemos de pôr, nas mais pequeninas das nossas acções, o mesmo amor que nela poríamos a caminho do martírio. Ninguém nos pede acções espantosas, não! Uma só coisa nos é exigida: ter grandes intenções, grandes desejos a raia o infinito. O Pe. Carlos de Foucauld tinha escrito estas palavras na primeira página de um livro de notas: “*Viverei como se hoje mesmo houvera de morrer mártir*”. Encontramo-nos neste estado de alma? Se não, trabalhemos por conseguí-lo.

Não sabemos prever; não sabemos querer; daí, frequentes perdas de tempo. Primeiro, deixamos correr, deixamo-nos levar ao sabor das ocasiões. Depois, para chegarmos ao fim em tempo devido, apressamo-nos, atrapalhamos tudo, enervamo-nos, não fazemos nada que jeito tenha. Resolvamos, para o futuro, principiar a tempo, fazer cada coisa a seu tempo. É o melhor meio de arranjarmos vagar para tudo.

Em geral tem-se tempo para tudo. É matéria elástica que se estende mais ou menos, conforme a necessidade e a vontade de cada um. Há pessoas que não conseguem arranjar nada em meia hora, mesmo numa hora; outras despacham um ror de coisas, tudo quanto querem. Para isso é preciso saberem organizar, alijar resolutamente bagatelas, ninharias inúteis, preocupações escusadas. Quando se tiver muito que fazer, dividir, pôr em ordem em primeiro lugar o que primeiro deve ser feito, já por um valor, o mais importante, já por ser o mais imediatamente necessário. Razões de gosto não contam. Ir, sempre e em tudo, primariamente ao essencial e, só depois, ao acessório. Não inverter os valores. E, no caso de surgirem imprevistos, não nos deixarmos desconcertar. Conservemos a nossa calma; vejamos o que poderá omitir-se ou ser posto provisoriamente de parte. Ir logo ao trabalho, à ocupação urgente: o resto fica para mais tarde. A cada dia e a cada minuto basta o seu cuidado.

Deste modo não se perde a paz, o trabalho rende, a alma santifica-se e Deus é glorificado.

A RENÚNCIA

Em toda a nossa existência dependemos de Deus e não poderíamos passar sem Ele; Deus é o nosso fim e a nossa felicidade. Por isso, a lei fundamental da nossa vida está contida nestas palavras: *“Amarás o Senhor teu Deus”*. Isto é tão verdadeiro que o cumprimento deste preceito encerra tudo o que é preciso para nos conduzir à perfeição e, por meio dela, à verdadeira felicidade. Mas, por mais profunda que seja em nós a necessidade de sermos felizes, por mais certos que estejamos de encontrar em Deus, e num grau infinito, toda a felicidade que as criaturas nos possam proporcionar, contudo, infelizmente, uma inclinação violenta nos impele, quase sem cessar, a afastar-nos do Bem Supremo e do seu amor, e a procurarmos a felicidade nas criaturas.

Qual é a causa deste facto estranho? É a nossa impotência para sermos constantemente para Deus o que devemos ser e para lhe referirmos todas as coisas; é a nossa impotência para combatermos os obstáculos que nos impedem de nos darmos completamente a Ele e de nos conformarmos com a sua santa vontade. É, numa palavra, a nossa impotência para nos mortificarmos, para nos renunciarmos. Porque nos amamos a nós mesmos, não em Deus mas nas criaturas, e isto porque encontramos muitas dificuldades em nos submetermos a esta lei fundamental da nossa vida: *“Amarás o Senhor teu Deus”*. Temos necessidade de nos impormos uma violência contínua para sofrermos e fazermos, com os olhos em Deus, o que repugna à nossa natureza, para omitirmos e rejeitarmos o que a lisonjeia. A renúncia é, pois, pelo mesmo título que o amor de Deus, a lei da nossa vida, e o progresso que nela fizermos é a própria medida do nosso progresso na perfeição. Para nos reservarmos da sua impotência e nos animarmos a praticá-la, examinemos os seus motivos e as suas vantagens.

I - Os Motivos da Renúncia

A renúncia, como acabamos de ver, é uma santa violência que nos impomos, em vista do nosso fim sobrenatural e por amor de Deus, para fazermos e sofrermos o que repugna à natureza, para omitirmos e rejeitarmos o que a lisonjeia. Esta violência chama-se renúncia, porque não temos em nenhuma conta os desejos desregrados da natureza, não lhes prestamos nenhuma atenção, renunciemos a eles. Esta violência

chama-se também mortificação, porque os movimentos desordenados do egoísmo são reprimidos, enfraquecidos, crucificados, mortificados.

Todavia, fazer violência a si mesmo para dominar as próprias inclinações nem sempre é renúncia e mortificação; é preciso que essa violência seja santa. Porque uma pessoa pode vencer-se por motivos puramente naturais, por vantagens temporais, ou mesmo com intenções culpáveis, como a vaidade ou o respeito humano; e então não é uma violência cristã, santa, meritória, não é senão uma espécie de crueldade idolátrica para consigo. Mas, se é por Deus que renunciamos à nossa natureza o que ela pede, se os nossos sofrimentos e as nossas privações servem para fortificar em nós a caridade divina, então é a santa violência da renúncia e é a ela que se aplica a palavra do Salvador: “*O reino de Deus conquista-se pela força e são os violentos que se apoderam dele*”. E esta outra: “*Aquele que odeia a sua vida neste mundo, conserva-a para na vida eterna*”.

Há várias espécies de renúncia ou mortificação. Há a mortificação do interior ou do espírito e a mortificação do exterior ou do corpo.

A mortificação **interior** exerce-se sobre as paixões, as inclinações e as aversões; ela regula, além disso, a inteligência, o juízo, a imaginação e a vontade.

A mortificação **exterior** impera sobre os sentidos externos e é ordinariamente acompanhada da mortificação interior, visto não podermos mortificar os nossos sentidos externos sem mortificarmos as inclinações interiores correspondentes. É chamada, todavia, mortificação exterior, e com razão, porque o seu efeito imediato é regular o uso dos sentidos.

Considerada na sua origem, a mortificação é activa e passiva. Impomo-nos a primeira; a segunda sofremo-la, suportando com resignação as contrariedades e as penas permitidas pela Divina Providência.

Considerada, finalmente, sob o ponto de vista da caridade, a mortificação é de preceito ou de conselho, conforme quisermos contentar-nos de conservar o essencial desta perfeição ou adquirir um grau mais elevado.

1 - A necessidade da renúncia, sob todas as suas formas, é fundada em primeiro lugar sobre a natureza do homem.

Nós temos, com efeito, de escolher entre o Bem infinito, que é Deus, e os bens criados; mas estes, mais próximos de nós, exercem sobre a nossa alma uma impressão

muito mais poderosa. Porque, se Deus estivesse presente à nossa inteligência tão imediatamente e com a mesma clareza que as criaturas que vemos com os nossos olhos e que tocamos com as nossas mãos, o preceito natural de amor a Deus seria fácil. A razão não teria sequer necessidade de no-lo prescrever: todas as faculdades da nossa alma se apegariam, com todas as suas forças, a esse Bem Supremo e nada no mundo seria capaz de nos separar dele. Por isso os Santos do Céu, que vêem a Deus e encontram em Deus o único Bem cuja posse satisfaz plenamente todas as suas aspirações, sentem-se atraídos para Ele com uma força irresistível. Para O amarem não têm nem a escolher nem a lutar, amam-no necessariamente, e esse amor absorve neles o amor de si mesmos. Mas, sobre a terra, neste lugar de provação, longe do Céu, não conhecemos a Deus senão, imediatamente, pela razão e pela fé e este conhecimento imperfeito de Deus não pode fazer sobre a nossa vontade uma impressão comparável com aquela que produziria a percepção imediata da essência divina, porque um bem invisível perde para nós parte do seu sabor. Além disso, agita-se em nós uma multidão de aspirações que um bem puramente espiritual, ainda que infinito, não pode satisfazer, ao passo que elas encontram ao seu alcance um sem número de bens efêmeros capazes de as saciar. É porque ainda somos livres. Deus, o Bem infinito, pode parecer-nos inútil e até contrário à satisfação dos nossos desejos. Podemos rejeitá-lo e preferir-lhe os bens temporais e sem nenhum valor. Terrível preferência que se renova em cada pecado mortal que se comete. A liberdade faz, sem dúvida, a grandeza do homem, mas também a sua miséria; ela é a sua força mas também a sua fraqueza. É a ela que incumbe renegar e mortificar o amor próprio, se queremos permanecer para com Deus, nosso Criador, aquilo que devemos ser, e servir-nos das criaturas em conformidade com a ordem divina, isto é, referindo-as todas a Ele.

Este dever da renúncia é tanto mais rigoroso quanto os nossos meios de suprimos a visão intuitiva são mais imperfeitos. No paraíso terrestre, o homem tinha, para suprir essa visão, a graça sobrenatural da justiça original que lhe permitia amar a Deus livremente mas sem combate. Em todas as faculdades do seu ser reinava uma ordem tão admirável, que nada, nem as preocupações, nem os sofrimentos, nem os desejos, nem os movimentos desordenados vinham desviar a sua vontade do amor de Deus ou distrair o seu espírito. A inteligência e a vontade não tinham senão que gozar da contemplação e do amor de Deus. O único esforço pedido ao primeiro homem era

conservar essa felicidade. Contudo, esse estado faliu, não devia durar muito tempo. Adão não quis permanecer nele e nós caímos com ele num estado de decadência em que, deixados a nós mesmos, estamos privados dos bens sobrenaturais, desprovidos de todas as vantagens que a perda deles, destituídos mesmo dessa vantagem que teríamos nesse estado puramente natural, supondo que Deus nos tivesse criado nesse estado.

Qual é pois, agora, a nossa situação, abstraindo da graça da Redenção? É o estado de natureza em que o amor próprio nos faz sentir todo o seu funesto poder. É impossível subtrair-nos ao seu império, e a vontade, tendo perdido assim os dons sobrenaturais da justiça original, a sua orientação para Deus acha-se inclinada, por natureza, a procurar a sua felicidade e as suas satisfações, não em Deus mas em si mesma. Resta-nos, é verdade, o conhecimento natural de Deus, ao qual podemos elevar-nos com o auxílio da graça. Mas esse conhecimento é excessivamente fraco para satisfazer o nosso desejo de felicidade e fazer contrapeso aos encantos das criaturas e às alegrias que elas nos oferecem. É esta a razão por que o amor de nós mesmos é completamente desregrado.

A razão bem nos diz: *“Amarás a Deus sobre todas as coisas”*, mas esta lei fica impotente e sem efeito, e o amor de nós mesmos, para chegar à felicidade, escolhe um caminho que o afasta dela: desvia-se de Deus e precipita-se sobre as criaturas com a imensidade dos seus desejos.

Presentemente, no novo estado de decadência, já não amamos as coisas visíveis em relação a Deus, mas para nós mesmos; já não as amamos para viver de Deus, mas para vivermos das forças que elas nos proporcionam. Todos nós podemos dizer com S. Paulo: *“Comprazo-me na lei de Deus, segundo o homem interior, mas vejo nos meus membros outra lei que luta contra a lei do meu espírito e que me torna cativo sob a lei do pecado, que está nos meus membros. Homem infeliz que eu sou! Quem me livrará deste corpo de morte?”* (Rm 7, 22-24). Por isso, o germe da vida sobrenatural que o cristianismo põe em nós não pode desenvolver-se e crescer senão com a condição de vigiarmos sem cessar o nosso coração, de nos conservarmos sempre acautelados, e de combatermos.

A necessidade de nos combatermos e de nos renunciarmos é tanto mais imperiosa quanto é certo que, sob a influência dos atractivos interiores e exteriores que actuam mais ou menos violentamente sobre nós, o nosso amor para com Deus está

quase continuamente a titubear. A concupiscência, esse ardor funesto que existe em nós, aquém, inflama-se, torna-se um incêndio na nossa alma; daí, as inclinações e os desejos e os actos culpados. Por isso a Sagrada Escritura diz, com razão, que o homem não pensa, propende só para o mal; que os sentimentos e os pensamentos do coração do homem são inclinados ao mal desde a sua juventude (I Reis 6, 5, 8, 21). Tendendo por natureza a querer o nosso bem, não em Deus mas em nós mesmos, vamos pedir a felicidade à satisfação das nossas paixões: deixando-nos arrastar pela sensualidade para os prazeres culpáveis, na esperança de enchemos o nosso coração vazio dos algares de Deus; deixamo-nos seduzir pela curiosidade e pela paixão de conhecer, de ver os bens da criação, na esperança de suprimos a verdadeira ciência que nos falta; deixamo-nos arrebatados, pelo orgulho, a promover o louvor e a honra, na esperança de satisfazermos, por esta vaidade, o desejo das verdadeiras grandezas que só o amor de Deus nos pode proporcionar. Daí, estas palavras do Apóstolo S. Tiago: “*Cada qual é tentado pela sua própria concupiscência que o arrebatada e o seduz*” (1, 14).

Sem esse combate contínuo, sem a renúncia, sem a repressão de todos os maus instintos da nossa natureza, é, pois, impossível que a vida perfeita se desenvolva na nossa alma. É preciso que a mortificação lhe prepare as vias e lhe alcance a liberdade de todos os movimentos. Todavia, quantos cristãos, infelizmente, não compreendem a necessidade desta luta contra si mesmos e por isso arrastam uma existência de pecados, de sofrimentos e de perturbações, sem consolação para o tempo e sem esperança para a eternidade!

2 - A necessidade da renúncia é fundada, em segundo lugar, sobre a natureza da graça.

O auxílio que o Divino Salvador nos dá, para suprimos o conhecimento imediato de Deus e a justiça original, é a graça. Com ela recuperamos, é verdade, a faculdade de amarmos a Deus sobre todas as coisas, mas não sem termos de lutar e de nos renunciarmos. Porque Deus deixa subsistir em nós todas as fraquezas do estado puramente natural. Ele assim o quis para nos manter na humildade e ensinar-nos ao mesmo tempo que o nosso amor para com Ele, por mais que seja prescrito pela natureza, é uma graça, e que, se O amarmos, seremos disso devedores à sua divina misericórdia. É por isso que, oferecendo-nos o seu auxílio, Deus põe-nos, por assim dizer, as armas na mão. Ele diz-nos: aqui está a minha graça para te assistir; aprende a

servir-te dela, com ela luta, combate e coopera assim livremente para a vitória; porque, se não fizeres, custe o que custar, o esforço necessário para cooperares, a minha graça fica sem efeito. O que Deus dizia a S. Paulo dirige-se igualmente a nós nas tentações da natureza decaída: “*Basta-te a minha graça*” (Cor 12, 9).

E que uso fazemos desta arma que nos é oferecida, isto é, da graça? Servir-nos-emos da graça da luz para nos elevarmos, pela meditação e pela oração, a um conhecimento cada vez mais profundo e mais claro das perfeições de Deus que é o Bem por excelência e a Beleza infinita. Desse modo (?)² em nós as impressões produzidas pelo conhecimento dos objectos sensíveis. Servir-nos-emos da graça da força para dominar os encantos das criaturas e resistir às exigências dos nossos movimentos desordenados.

Assim, para chegarmos ao amor de Deus e perseverarmos nele, não temos outra graça senão a graça de combater. Porque é com todo o seu peso que a natureza se opõe à caridade divina e aos bons movimentos, aos auxílios do Alto; encontrarmo-nos inteiramente cheios de amor desordenado de nós mesmos. Seguiremos a graça e cooperaremos na sua acção? Podemos fazê-lo, certamente, mas não o faremos eficazmente senão à medida que deixarmos de nos amar a nós mesmos de um modo desregrado. E, para deixarmos de nos amar assim, é preciso fazermos-nos violência, uma violência pelo menos igual àquela que faz que nos procuremos desmedidamente. Não há outra coisa a fazer senão armar-nos contra nós mesmos e entrarmos em luta com o nosso egoísmo. Só a renúncia dá à graça de Deus a sua eficácia. Só a renúncia nos eleva ao amor sobrenatural de Deus. Mas aqui, uma só vitória não põe termo à guerra. O amor desordenado do eu, por mais reprimindo, por mais enfraquecido que seja por actos de renúncia, reaparece em breve para nos atacar de novo, impelir-nos para o mal com novo ardor, ameaçando assim cada dia arrebatá-los à caridade divina. O único meio de nos fortificarmos no amor de Deus é, portanto, combatermo-nos sempre e renunciarmo-nos continuamente.

Na vida espiritual, por consequência, nada mais urgente, nada mais importante do que a mortificação e, sobretudo, a mortificação interior, que procura descobrir as nossas paixões e as nossas inclinações perversas para lhes fazer guerra. Certos aspectos da vida sobrenatural podem ter para nós mais atractivo, outros exercícios poderão ser

² Palavra imperceptível.

mais conformes com o nosso carácter; mas não há nenhum mais importante, mais necessário que a renúncia. É o que veremos ainda melhor depois de termos tirado, do que dissemos, as consequências práticas.

II - As Vantagens da Renúncia

As razões que acabo de expor para demonstrar a importância e a necessidade da renúncia levam-nos a esta conclusão: a renúncia é o sinal infalível, a pedra de toque do nosso progresso na virtude, e nada no mundo nos dispõe melhor a receber os favores especiais de Deus.

1 - Qualquer que seja a ideia que façamos da virtude, da piedade e da perfeição, ela estará sempre sujeita à ilusão se não contiver a necessidade do combate e da renúncia.

A vida cristã, com efeito, no seu desenvolvimento como na sua perfeição, consiste em crescer, com o auxílio da graça, a sua natureza, em santificá-la, em oferecê-la como vítima a Deus e à sua santa vontade. E o empenho, a diligência, a generosidade em imolar ao Senhor cada uma das nossas inclinações e das nossas aversões-imolação, que faz da nossa vida um holocausto perpétuo, não é outra coisa senão o espírito de renúncia e de sacrifício. Por isso não podemos conservar o amor de Deus e progredir nesse amor senão na medida em que combatermos as nossas inclinações desordenadas. *A Imitação de Cristo* diz com razão: “*Vós não progredireis senão na medida em que vos fizerdes violência*”: violência para observar os preceitos divinos, combater as tentações e permanecer assim no amor de Deus; violência para seguir os movimentos da graça e elevar-nos mais alto nesse amor. Fazer-se violência é, segundo os santos, o sinal que distingue a verdadeira e a falsa virtude, a verdadeira e a falsa devoção. Quando, na presença de S. Francisco de Borja, se dizia de alguém: “*é um excelente cristão, um perfeito religioso, um homem de virtude, um grande servo de Deus*”, o Santo respondia: “*É tudo isso, se praticar a mortificação e a renúncia*”.

A nossa própria experiência não vem confirmar esta verdade? Já nos desembaraçamos de algum vício? Já praticamos com perfeição alguma virtude sem nos renunciarmos e sem combater? Os nossos defeitos e os nossos movimentos desordenados talvez nos desagradem; concordamos em que eles são contrários à nossa

vocação de religiosas, que expõem os nossos trabalhos a um fracasso e põem em perigo a nossa salvação. Que havemos então de fazer? Combater. Mas todo o combate é difícil e, sobretudo, aquele em que o inimigo a vencer somos nós mesmos. O cansaço apodera-se de nós, combatemos frouxamente, e os nossos defeitos e os nossos movimentos desregrados ameaçam, desde esse momento, seguir-nos até ao túmulo. Assim falha, por falta de renúncia; a obra da nossa correcção.

Sem renúncia não pode haver, tão-pouco, verdadeira virtude. Porque o que nos é natural não é a virtude mas as inclinações contrárias. Nós mesmos o confessamos e dizemos: tenho um carácter altivo e independente; é esta a razão por que, as mais das vezes, obedeco tão mal, sou colérico, violento, arrebatado, e eis o que põe à prova a minha paciência; sou fraco e deixo-me facilmente prender com os apegos: daí, quantas tentações para a minha virtude!

O nosso primeiro cuidado na prática da virtude deve, portanto, ter de combater e vencer as inclinações desordenadas, se quisermos escapar à ilusão e não construir sobre a areia o edifício da nossa perfeição. A verdadeira virtude não começa senão com a renúncia: é preciso que a renúncia lhe aplane o caminho. Toda a piedade, toda a virtude, toda a santidade que pretende prescindir da renúncia poderá talvez subsistir durante algum tempo, graças ao temperamento, mas não tardará a cair completamente em ruínas. A renúncia é a pedra de toque da verdadeira virtude.

2 - A renúncia dispõe-nos a receber os favores especiais de Deus. É este o pensamento do autor da **Imitação de Cristo**: “*Quanto mais é enfraquecida e vencida a natureza, tanto mais a graça se espalha com abundância*”. E, de facto, a melhor preparação para receber essas graças de escolha é empregar bem as graças já recebidas, e dar a Deus, pela luta contra nós mesmos, a prova mais manifesta do nosso amor. As graças que nos são concedidas são-no principalmente para nos fazer vencer e imolar a má natureza. Quantas vezes não ouvimos a voz de Deus advertir-nos interiormente e dizer-nos: faz isto, evita aquilo, cumpre mais fielmente os teus deveres e pratica mais perfeitamente a virtude! É a graça a falar, mas a natureza fala também. Para obedecer à graça, é preciso então fazermo-nos violência e, por consequência, em regra geral, para usarmos bem do auxílio divino é preciso que nos elevemos acima de nós mesmos e que dominemos esta natureza corrompida que, procurando-se a si mesma, não pode senão desviar-nos do bem.

Efectua-se, portanto, entre Deus e a alma que trabalha na sua santificação, uma troca contínua e benévola: Deus oferece as suas graças e a alma apresenta-lhe os seus sacrifícios da renúncia. E, nesta santa emulação, a liberalidade e a bondade divinas poderiam deixar-se vencer quando encontram uma alma tão fervorosa, tão empenhada em não descurar nenhuma graça, mesmo as menores na aparência? Não, ninguém é mais digno dos tesouros da graça do que aquele que, pelo seu espírito de renúncia, mostra que sabe apreciá-los e fazê-los valer.

Além disso, nada poderia tornar-nos mais agradáveis a Deus do que a renúncia. Renunciando-nos, damos-lhe a prova mais evidente do nosso respeito e do nosso amor. Como não havia de ser assim? Todas as vezes que, por causa de Deus, fazemos ou sofremos o que repugna à natureza, todas as vezes que renunciamos ao que lisonjeia os nossos gostos desregrados, não mostramos real e verdadeiramente que preferimos Deus a nós mesmos e que O amamos com sinceridade, mais que a nós mesmos e mais que as criaturas? Tenhamos, pois, cuidado em não nos iludirmos sobre a realidade do nosso amor. Em parte nenhuma este amor se manifesta melhor que nos actos de renúncia, sobretudo quando, ao renunciarmo-nos, não temos outra intenção senão agradar a Deus e fazer a sua santa vontade. E a prova do nosso amor para com Deus é tanto mais natural e tanto mais segura, quanto o esforço para nos renunciarmos foi mais duro e o benefício maior.

Ora, Deus paga sempre amor com amor. Por isso, nada de admirar se aquela que se esforça por morrer cada vez mais para si mesma e para o mundo receba graças cada vez mais abundantes, cada vez mais ricas. Nada de admirar se essas graças, encontrando um campo bem preparado pelo trabalho da renúncia e já por isso não encontrando obstáculos que se oponham à sua acção, desenvolvam nessa alma, muitas vezes de maneira maravilhosa, a sua divina energia. Sim, a renúncia, por causa dos sacrifícios que exige, faz de nós os favoritos de Deus, seus vasos de eleição, e os instrumentos dos seus desígnios sobre nós. Faz com que caminhemos como que a passos de gigante para o fim magnífico da nossa vocação que é a perfeição e a santidade.

Não esqueçamos pois, nunca, o grande papel da renúncia na vida cristã e na vida religiosa. Depois da graça e da oração, é a condição principal de todo o verdadeiro progresso na perfeição e na virtude; é a pedra de toque que as distingue, é a base em que assenta toda a santidade, é a regra infalível que preserva a direcção das almas da ilusão

e dos erros. A renúncia é ainda mais: é o objecto e o fim da oração e da graça. Nas nossas orações e nas nossas meditações, nos nossos exames de consciência e nos nossos retiros, não devemos pedir tanto como *a graça* de nos conhecermos cada vez melhor, e a força de fazermos generosamente a Deus os sacrifícios que Ele pede. Não nos deixemos aterrar com as securas que experimentamos na prática da renúncia, nem desanimar com as suas dificuldades. É a renúncia que nos aplanar o caminho da verdadeira paz, da felicidade, da perfeição e da união com Deus. *“Ao vencedor darei a comer da árvore da vida que está no Paraíso de Deus”*.(Ap 2, 7).

A SANTIFICAÇÃO PELA BUSCA DE JESUS

Introdução preliminar: Necessidade da santificação

Sanctificamini et estote sancti (Lv 20,7)

Santificar-se é o grande dever de toda a criatura humana, porque é fugir do mal e praticar o bem. É esta, sobretudo, a grande obrigação da alma consagrada, da religiosa escolhida desde toda a eternidade para ser santa e imaculada em sua presença, na caridade (*Gal 1*).

A religiosa comprometeu-se, não a ter imediatamente a caridade perfeita, essência de santidade, mas a tender para ela e a fazer obras para a alcançar. Renunciar a este trabalho ou descurá-lo seria “mentir à sua profissão e trair a palavra dada a Deus”. (S. Tomás). Fazemos o retiro para reavivar em nós esta convicção e para evitar a enorme desgraça da religiosa mentirosa e traidora para com Aquele que a chamou.

Para atingir este grande fim do retiro, ouçamos quatro vozes. Elas repetem a toda a religiosa, com uma força crescente, este *mot d'ordre* que lhe recorda a sua obrigação essencial: ***Torna-te santa.***

1 - Voz da consciência: É Deus presente na alma, Deus falando, intimando o seu querer, insinuando a sua vontade. Sentimos essa voz. Ela diz-nos que temos todas as armas necessárias para os combates e para o triunfo da santidade - que a desonra e a morte serão a sorte do soldado cobarde e desertor que não se serve dessas armas - que, enfim, se não nos mortificarmos, não nos salvaremos.

Ouçamos, pois, essa voz e não endureçamos o nosso coração.

No livro da nossa consciência há páginas negras: o pecado, apagamo-lo com as lágrimas da penitência misturadas com o sangue do Redentor; nele encontram-se também páginas brancas mas igualmente acusadoras, de graças inutilizadas, omissões: reparemos, fazendo, doravante, frutificar os dons de Deus. Ofereçamos a Deus a nossa vontade e digamos: eu quero tornar-me uma santa.

2 - A voz do Instituto. Eu pertenço a uma Congregação, cujo papel na Igreja é realizar a mais alta perfeição evangélica. Mas, a perfeição do Instituto não é uma santidade abstracta, ela deve realizar-se em cada um dos seus membros. A cada uma de nós, por consequência, compete dar-lhe essa santidade que é toda a sua razão de ser.

O Instituto brada-vos: “Ó minhas filhas, tornai-vos santas”. Na sua regra, na sua disciplina, no seu directório, nas exortações, avisos e conselhos dos superiores, ele dá-nos os meios mais eficazes de realizar o ideal da nossa vocação. Ouvi-lo e obedecer filialmente é dar-lhe a vida, o esplendor da santidade. Não o ouvir, descurar os seus preceitos é tornar-se o membro que assim feriu um *destructor ordinis*. Maldição e desonra sobre esses filhos ingratos e indignos que, Deus permita, nunca apareçam.

3 - Voz da Igreja, mãe das almas. A Igreja é santa. Ela tem a lei santa do Evangelho: (?)³ Ela tem os sacramentos, fonte e foco de santidade. São-lhe também precisas as ordens e congregações religiosas, porque, fiéis ao seu ideal, concorrem em grande parte para fazer resplandecer esta meta da Igreja Católica: a santidade. Tem ainda necessidade de apóstolos santos, não só para pregarem e trabalharem, mas também e, sobretudo, para rezarem e se imolarem. Eu, religiosa, devo ser a alma consagrada que se imola e que ora. Se o fizer, santifico-me, glorifico a Igreja e salvo as almas. Que incentivo!

As almas têm necessidade de religiosos e religiosas santos. “Que seria do mundo, se eu não tivesse em linha de conta os religiosos!” - dirá Nosso Senhor a Santa Teresa. E S. Gregório Magno, no momento em que o Império Romano e a Igreja estavam a braços com as invasões dos bárbaros, não via salvação senão nas almas consagradas.

4 - Voz de Nosso Senhor Jesus Cristo. - Foi Ele que nos chamou, e a nossa obediência ao seu apelo é uma grande prova da sua Divindade. Só um Deus pode conseguir que, em cada geração, haja pessoas que abandonem tudo para se ligarem unicamente a Ele. O seu nome santifica-se em mim, mostrando quanto ele é santo e poderoso. Santificando-me, ofereço a Jesus um coração no qual Ele repousa e se deleita, um coração que lhe faz esquecer as ingratidões de tantas almas e que repara com Ele as ofensas feitas a seu Pai.

Por isso, com que força e com que necessidade sai do coração de Jesus esta voz, a mais poderosa que me arrasta para o caminho da santidade: “Meu filho, dá-me o teu coração; santifica-te”.

Peçamos ao Imaculado Coração de Nossa Senhora das Dores de Fátima que nos faça compreender o grande dever da nossa santificação. Peçamos-lhe que nos torne

³ Frase em latim ilegível.

dóceis às quatro grandes vozes que me intimam esta obrigação. Ele não deseja outra coisa senão fazer de cada um de nós uma verdadeira serva e uma esposa fiel de seu divino Filho, isto é, uma santa. Correspondamos ao desejo de Maria Santíssima; que ela nos ajude, que ela nos abençoe.

1 - Recolhimento interior e exterior - evitando as distrações e a dissipação, pela união com Deus.

2 - Paz

3 - Confiança

4 - Humildade

5 - Generosidade

6 - Espírito de sacrifício, desprendimento, renúncia

7 – Reflexão - resoluções

8 - Oração - devoção ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES PARA A PROCURA DE JESUS

A busca daquele que amamos e devemos amar cada vez mais.

(1.^a Instrução)

Quaeram quem diligit anima mea (Cant 3, 2.)

Esta procura de Jesus Cristo não se pode fazer senão sob o impulso do amor. Não se procura senão aquilo que se ama. Ela é o fruto de suas disposições preliminares.

1 - O desejo do Bem-Amado, que vem da admiração da sua Bondade e da sua Amabilidade. Ferida por este primeiro dardo do Amor, a alma não tem senão um desejo: desprezar tudo como um lixo, a fim de ganhar Cristo. (*Fil 3,8*).

Nenhum espectáculo, por mais belo que seja, é capaz de a desviar desta contemplação de Jesus Cristo. Nele está o seu repouso, o seu centro, o seu tudo. Inebriada e ferida de admiração e de amor, a alma exclama: “Ó Vós, que eu amo, Vós sois inteiramente desejável”.

Para poder soltar sinceramente este grito, este primeiro grito do amor, é necessário fazer do Homem-Deus o objecto habitual das nossas meditações: meditá-lo, sobretudo, na mistura do amor - excessiva caridade - da sua Paixão. Jesus, e Jesus crucificado! S. Bernardo, como S. Paulo, não queria outra ciência. Não devemos nós tão pouco querer outra. É a única que santifica, porque é a única que se converte em amor, segundo a expressão de Bossuet.

2 - A humildade da alma, ferida pelo primeiro dardo do amor: a admiração e o desejo. Que podemos nós para realizar este ideal da união divina? Nada! Consciente desta impotência radical, a alma solta um segundo grito - o da humildade. “*Atraí-me a Vós, e eu correrei arrastada pelos Vossos perfumes*”(Cant 1,3). “*Ó Jesus, ó todo desejável, eu não posso ir a Vós por mim mesma. Atraí-me, pois, fazendo que eu sinta o perfume da vossa Humanidade e das virtudes da vossa Humanidade*”.

Para tornar o seu pedido mais poderoso, a alma esforça-se por conservar e desenvolver a graça santificante que lhe dá a fisionomia Daquela que ela ama. Ela o faz no sentido da graça, tomando o partido dela contra o da natureza, vivendo no

sobrenatural da fé e do amor. Trabalha ainda em aformosear essa divina fisionomia de Jesus, nela, pela prática da doçura, da humildade, da paciência, da obediência, etc.

Ela sabe que exercerá um atractivo vencedor sobre o Coração de Jesus e sabe que lhe dirá: “Atrai-me”, com tanta mais eficácia quanto melhor fizer sentir Àquele que ela chama o perfume das suas próprias virtudes.

Portanto, renovação da graça pela fuga de todo o pecado voluntário; desenvolvimento da graça santificante pela obediência aos seus impulsos; prática das virtudes religiosas. Sejamos almas fiéis e interiores.

3 - *Quaeram*. Preparada por estas disposições, a alma levanta-se e solta o grito: *Quaeram: (Eu procurarei)*. A vida da verdadeira religiosa não é senão isto: “*Voltar Àquele de quem se afastou*”. (*Regra de S. Bento*). É preciso combater a nossa tendência contínua a esquecer Deus, a afastar-nos Dele. É preciso que nos desviemos sem cessar de tudo o que não é Deus e que nos voltemos para Deus por meio do Homem-Deus. Ai da alma que não procura Nosso Senhor Jesus! Ela perecerá na sua miséria. Mas, feliz da que O ama e que, sob a influência do amor, O deseja, O chama, O procura.

Ponhamo-nos todos os dias na disposição desses gentios que diziam ao Apóstolo S. Filipe: “*Queremos ver Jesus*”. Façamos como Zaqueu que queria ver o Salvador. Dois obstáculos o impediam: a multidão e a sua pequena estatura. Saiamos como ele da multidão, do tumulto dos nossos pensamentos e das nossas preocupações: Subamos! Estabeleçamo-nos nessa Criatura mais aproximada de Jesus: a Sua Divina Mãe. Fixemo-nos pelo amor e pela confiança filial no Coração Imaculado de Maria. Ali, Jesus nos verá e nos atrairá ao seu próprio Coração.

As duas escadas que S. Francisco de Assis viu, uma, vermelha, ensanguentada, no cimo da qual estava Jesus, outra, branca, no cimo da qual estava Nossa Senhora. Os religiosos subiam pela primeira com entusiasmo mas todos caíam dela. Jesus aconselhou S. Francisco a mandá-los subir pela segunda escada e eles chegaram todos ao cimo, e Nossa Senhora entregava-os a seu Divino Filho.

A grande graça do nosso Instituto tem o seu berço em Fátima.

Os outros Institutos desejariam ter o seu noviciado aqui. Alguns estão tratando disso.

Busca da minha alma por Jesus

(2.^a Instrução)

Quaeram quem diligit anima mea

A alma não pode procurar Aquele a quem ama senão sob a influência deste mesmo amor. Quanto mais se ama, mais se procura o objecto amado. O amor que nos impele a amar Jesus Cristo é um amor de amizade. Poder amar Jesus Cristo como um amigo, que graça! E que Amigo é este divino Amigo!

Ora, o amor de amizade é caracterizado pela reciprocidade, portanto, procura mútua. Eu procuro Jesus Cristo porque O amo; mas, por sua vez, Jesus Cristo deve procurar-me porque me ama. Sem isso não há amizade.

Meditemos então três pontos: Jesus Cristo procura-me? Onde me procura? Como me procura?

1 - Jesus Cristo procura-me.

a) - A permanência da sua presença e da sua acção na sua Igreja. Jesus Cristo, diz S. Paulo, era ontem, é hoje, será amanhã e sempre. O que era ontem é-o hoje. O que faria ontem, fá-lo hoje. Abramos o Evangelho! Ontem, luz que iluminava os simples, os pequenos. Ontem, Pastor correndo atrás da ovelha perdida. Ontem, Salvador de tudo o que perecia. Ontem, terno Amigo, permitindo a uma pecadora regar os seus pés com as suas lágrimas, beijá-los... permitindo a um Apóstolo repousar a cabeça sobre o seu Coração, restituindo a vida a Lázaro, morto de quatro dias, etc. etc. Jesus Cristo é a Cabeça deste corpo místico que é a Igreja. Eis o que Jesus fez ontem, o que faz hoje, o que fará enquanto houver almas a salvar, procurar as almas.

b) - Igreja de que somos membros. *Ipsa est caput corporis (Col. 1,18).* Qual é o papel da cabeça? Influir sobre todos os membros e governá-los. Portanto, influxo contínuo de Cristo em mim; quanto mais eu devo, como religiosa, viver da vida de Jesus Cristo, mais viva e activa é a busca de que sou objecto... Que maravilha! Mas que obrigação, de me conservar sob o influxo de Jesus Cristo... Eu posso resistir, fechar-me, furtar-me, esconder-me. Não o farei. Pelo contrário. Peçamos à Cabeça Divina que active sempre em nós e que nos governe.

c) - Jesus Cristo é a verdadeira videira; nós somos os ramos. O tronco da videira procura os ramos para expandir a sua seiva e fortificar neles e por eles. Ele morreria na superabundância da sua seiva se não encontrasse onde a verter. Assim sucede com Jesus Cristo; a vida divina transborda do seu Coração. O seu Coração procura corações a quem possa comunicar-se. É o meu que Ele procura. Peçamos a essa seiva divina da graça e do amor que corra no nosso pobre coração.

d) - A Eucaristia. Quem impeliu Jesus a instituir essa maravilha do amor? A necessidade de se comunicar inteiramente a cada um de nós. *Sic totum ominibus, quam totum singulis*, diz S. Tomás. Esta doação divina é a prova incomparável da procura da nossa alma por Jesus Cristo. Que reconhecimento!

2 - Onde nos procura Jesus Cristo?

a) - Na fidelidade, para nos fazer felizes e para nos animar. Euge, serve bone et fidelis (*Mt. 25,21*). Repouso do fundo da alma... Paz substancial...(*Sl. 72, 1*).

b) - Na infidelidade. Exprobrações, mal-estar, inquietações do coração que não vive na vontade de Deus. “Volta ó minha alma” *Revertere!* (*Cant. 6-12*).

c) - Na provação. *Cum ipso num in tribulatione*. (*Sl. 90-15*). As almas que sofrem são as mais agradáveis a Deus, porque o sofrimento é o mais alto cume da vida espiritual: “*Communicantes passionibus Christ*” (*1Ped.4*)

O Coração de Jesus procura os corações mortificados mais que os outros, quando eles são sustentados pela vontade de servir e de amar a Deus, apesar disso. Amemos as nossas provações. Consideremo-las à luz da fé e bendigamos a Deus por elas e demos-lhe graças.

3 - Como é que Jesus Cristo nos procura?

a) - Com uma sabedoria infinita. Ele faz convergir tudo para a nossa santificação. Ele dirige e ordena tudo para a nossa salvação. Que são os impérios e as nações, comparados com a alma resgatada pelo sangue de Jesus? Para a salvação duma só alma, Deus revolve o céu e a terra. (Bossuet). A sabedoria eterna, que abraça todas as potencialidades da nossa vida, é sempre acompanhada pelo poder irresistível de Deus. Sendo assim, como não havemos de repousar com confiança no Coração de Jesus!

b) - Com uma paciência incansável. Nada O cansa nunca de procurar as almas. *Ecce sto ad ostium et pulso* (*Ap. 3-20*). *Aperi mihi, soror mea...quia caput...* (*Cant. 5-2*).

Só o orgulho pode fatigá-Lo e fazer que nos abandone, mas a fraqueza, a enfermidade que a criatura lamenta e de que se arrepende... nunca!

c) - Com amor sem limites. *In caritate perpetua dilexi te (Jer 31-3)*. Acreditemos nesse amor e nas delicadezas infinitas do Coração de Jesus. O que falta muitas vezes é a fé no amor. Acreditemos nesse amor de Deus a procurar a nossa alma e digamos: “Ó Jesus, vós sois a Sabedoria, a Omnipotência, o Amor. Eu me abandono a Vós. Peçamos ao Imaculado Coração de Maria que nos faça compreender e saborear estas verdades”.

O apelo do Coração de Jesus ao nosso coração

(3.^a Instrução)

Quaeram quem diligit animae meã

Stabat Jesus et clamabat, dicens: “Si quis sitit, veniat ad me et bibat”, (Jo. 7,37). Jesus de pé, bradava: “*Se alguém tem sede, venha a mim e beba*”.

Estas palavras revelam-nos uma das disposições mais tocantes do Coração de Jesus. Na sua atitude: de pé; nos seus acentos: nós vemos o seu imenso desejo de vir a nós e de nos atrair a Si. *Sitit sitiri*, diz um Santo Padre. Jesus tem sede da nossa sede, porque, Sumo Bem e alegria suprema da alma, tem necessidade, por superabundância, de nos comunicar os seus tesouros, a sua vida, a sua felicidade.

1 - Que é ter sede de Jesus?

a) - É não ter sede do bem-estar, da satisfação, da sensualidade. Nunca terá sede de Jesus a alma que recua diante da penitência e da mortificação dos sentidos. Porquê? Porque Jesus é o homem da dor e do sofrimento: *Vir dolorum*.

b) - É não ter sede da estima das criaturas. Sem a graça, não há sede de Jesus. Ora, a graça abundante não é senão para os humildes. Por outro lado, Jesus é o homem humilhado: na sua Paixão; Ele tornou-se *opprobrium hominum et abjectio plebis*. (Sl.21) - o último dos homens, o leproso desprezado e abandonado. Para nos convenceremos de que assim é, basta reler o que o profeta Isaías predisse das humilhações da sua Paixão bendita.

c) - É não ter sede da satisfação da nossa própria vontade. Não se pode ir a Jesus e segui-Lo, sem nos renunciarmos permanentemente. Se, pois,... Ele nunca se comprazeu em si mesmo, *Christus non sibi placuit (Rom. 15-3)*. Ele nunca procurou a sua vontade, mas sempre a de seu Eterno Pai. *Meus cibus est ut faciam voluntatem eius, qui misit me, et ut perficiam opus eius (Jo. 4, 34)*.

Eliminadas todas as sedes interiores, a grande sede de Jesus faz-se sentir à alma. Ela é o resultado como que necessário dos combates permanentes, travados contra a vontade própria, o orgulho e a sensualidade.

2 - Que fazer sob a influência desta sede?

Jesus responde: *Veni ad me*.

a) - Levantar-se, sacudir o torpor, a negligência, a tibieza. Não nos deitarmos voluptuosamente no leito dos nossos defeitos, das nossas cobardias. Levantarmo-nos!

b) - Caminhar. Os passos da alma são os actos da vontade. Nada de veleidades de preguiçoso! Procedamos como pessoas resolvidas a chegar ao termo, custe o que custar! Ponhamos em acção todas as forças vivas da alma para realizarmos a união com Jesus Cristo e permanecermos nessa união. Para ser santo é preciso querer.

c) - Para Ele. Fazer de Jesus o termo de todos os nossos esforços. Ele, e só Ele, é o caminho, a verdade e a vida. É a porta pela qual é preciso passar para ir às pastagens da divindade. Ele chama-nos a todos. Só Ele é a fonte que pode matar a sede da alma. *Omnes sitiantes, venite ad aquas. (Is 55-1)*.

3 - *Et bibat..* Que é beber Jesus?

a) - É pensar Nele. *In omnibus vis tuis cogita illum. (Prov.3-6)*. Procurar, sem interrupção, em Jesus não é possível; aproximemo-nos, pelo menos cada vez mais, dessa incessante contemplação. Quando amamos alguém, o seu pensamento não se torna dominante? Que assim suceda em cada um de nós que amamos a Jesus.

b) - É não quereremos senão a Ele, a Sua glória, a Sua vontade, aderir a todos os Seus desejos. A união mais perfeita é aquela que, de duas vontades, não faz senão uma, e que produz a identidade dos sentimentos.

c) - É pôr o nosso coração em contacto, bem junto, com o Coração de Jesus. É ver e gostar como Jesus é suave para a alma que O ama. É sentir o que sente o Coração de Jesus, não ter outros gostos e afeições senão os Seus gostos e as Suas afeições: (?)⁴

⁴ Frase em latim imperceptível.

Peçamos como os Santos, a Nosso Senhor, que O imitemos, que gostemos Dele, que O saboreemos no nosso coração. Felizes os sequiosos de Jesus, que O bebem assim.

Peçamos a Maria Imaculada que nos alcance a graça de já não termos outro desejo senão o de possuímos Jesus, de vivermos Dele, com Ele, por Ele e Nele. Que este desejo seja uma verdadeira fome e sede. (?)⁵

Nós devemos procurar Nosso Senhor Jesus Cristo

(4.^a Instrução)

*Quaeram ...*⁶

À procura da nossa alma por Jesus Cristo deve corresponder a presença de Jesus Cristo pela nossa alma. Sem essa reciprocidade não há amizade. Porque devemos procurar Jesus Cristo?

1 - Razão geral: porque sem ele não podemos nada: *Sive me nihil potestis facere*. Portanto, a não ser que queiramos passar a nossa vida na inutilidade, enterrar os dons de Deus sem os fazer frutificar, expondo aos castigos que esperam os maus servos por serem inúteis (*Mt. 25-26*), devemos procurar Jesus.

a) - Para vivermos como deve viver uma cristã, como deve viver uma religiosa, precisamos de uma luz decisiva. Nós somos os filhos dessa luz e devemos proceder como tal. Caminhei, vivei como filhos da Luz. (*Ef. 5-8*). Quem nos dará essa luz? Só Jesus Cristo. Ouvi o que ele diz: *“Eu sou a Luz do mundo. Aquele que me segue não caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida.”* (*Jo. 8-12*). Por isso, sem Cristo habitando nos nossos corações pela Fé, morreremos em trevas glaciais: - A Fé! A vida da Fé, que graça para viver nesta Luz divina! Tomemos a atitude que S. Paulo pede a toda a alma: *“Olhemos o Autor e Conservador da Fé, Jesus Cristo”* (*Heb. 12-2*) e supliquemos-Lhe que nos dê essa Fé grande e viva que faz os Santos, porque ela opera pela caridade. Clamemos a Jesus como os cegos do Evangelho: *“Senhor, fazei que eu veja!”* (*Mc 10-51*), e como o Salmista *“Senhor iluminai os meus olhos para que nunca adormeça no sono da morte”* (*Sl.12,4*).

⁵ Frase em latim imperceptível.

⁶ Frase incompleta no original.

b) - Com a luz é-nos precisa a força. Nós podemos resistir, e aqui, contra a Luz, ao arbítrio das nossas paixões. Como é fraca a nossa vontade na procura do ideal. “Quanto mais este é elevado, tanto mais se acentua em nós essa fraqueza moral. Onde encontraremos a força? Em Jesus Cristo, só Nele: *Dominus fortitudo mea (To.17-2)*. Tenhamos consciência da nossa fraqueza, ou antes, da nossa impotência radical na procura de Jesus Cristo. Se Ele não previne a nossa vontade, não a sustenta em todos os seus actos, seremos incapazes até de o começar a procura. Ele próprio disse: “*Ninguém vem a Mim se meu Pai não o atrair*”, (Jo. 6-44). Atraídos pela graça, não podemos seguir esse atractivo e alcançar o termo do nosso amor, se Ele não nos der força para isso. E como perseverar até ao fim nesse trabalho sem o seu auxílio?

c) - Devemos viver da própria vida de Deus. Ora, quem nos infundirá essa vida? Só Jesus Cristo. Eu sou a verdadeira videira, disse ele, e vós sois os ramos. “Aquele que permanece em Mim e em quem Eu permaneço, esse produz muitos frutos”. E acrescenta: ‘Sem Mim nada podeis fazer porque sem Mim não podeis ter a vida, que é o princípio de toda a acção. É preciso, pois, irmos a Jesus para termos a vida; reunamo-nos a Ele como o ramo está unido à cepa. Não deve haver intervalo entre Ele e nós, mas união perfeita, completa.

2 - Razão particular: Nós somos almas consagradas, almas votadas a Deus como Religiosas.

a) - A alma religiosa contrai com Nosso Senhor uma aliança muito íntima: ela é sua esposa. Sai das alianças terrestres. Abandonar tudo é dar-se àquele que a escolheu: (?)⁷ é também a lei da aliança celeste. O religioso, diz S. Bernardo, faz profissão de imitar a perfeição dos Apóstolos, os quais, diz S. Tomás, são os primeiros religiosos da Igreja. Ora, esta perfeição está toda inteira nestas palavras de S. Pedro: “Nós abandonámos tudo e vos seguimos” (Mt.19-27). Portanto, obrigação de procurarmos Jesus Cristo como o verdadeiro Esposo da nossa alma e de nos ligarmos só a Ele.

b) - A lei fundamental da vida religiosa é a lei da ascensão contínua para a perfeição da caridade. Ora a caridade é uma força que arrebatava a nossa vontade e a faz subir até Deus, *ut in ipso vivat*. S. - O amor é uma força essencialmente unitiva: faz que se procure o termo, ao qual a alma se deve unir, isto é, a Deus em Jesus Cristo.

⁷ Frase em latim imperceptível.

c) - A perfeição do amor, fim dos esforços da alma consagrada, é uma amizade divina. Ora, a amizade tem três características. Ela é um amor desinteressado, recíproco, baseado sobre uma comunicação. Mas, para amar assim, é preciso expressarmo-nos, sairmos de nós mesmos. Que é tudo isto senão procurar o Amigo Divino? Além disso, esta amizade deve ir até à intimidade, até à fusão das almas e dos corações. E o *Vivit in me Christus* (Col 2-20), o *mihi vivere Christus est* (Fil. 1-21), de S. Paulo.

S. Bernardo explica assim esta vida de Cristo em nós: *“Eu estou morto para tudo; sentimentos pessoais não os tenho; atenção pelas coisas da terra, solicitude pelo que me diz respeito, eu já não as quero ter; mas, se se trata de Nosso Senhor e dos seus interesses, oh, então estou pronto para a acção. Sou sensível, com efeito, a tudo o que se relaciona com a sua glória; o resto é-me indiferente, porque já não vivo da minha vida, vivo de Cristo que vive em mim, ou antes, é Cristo, o próprio Cristo que pensa, ama, espera e vive em mim.”*

Peçamos à divina Mãe de Jesus, Maria Santíssima, nossa Mãe, que faça que compreendamos este programa da alma consagrada e que nos ajude a realizá-lo.

Onde devemos procura Nosso Senhor Jesus Cristo

(5.^a Instrução)

*Quaeram ...*⁸

1 - Nos **Sacramentos**, fontes de graças, sinais e canos da graça: graça geral que santifica, graças particulares que ajudam a alma a santificar-se. Procuremos nele essas graças; mas procuremos neles também o Amigo dos nossos corações; que eles sejam os instrumentos da nossa união íntima com Nosso Senhor Jesus Cristo.

a) - Sacramento da Penitência. Procuremos nele a purificação da nossa alma, para que Jesus Cristo se compraza nela; a força de praticar as virtudes, para formar em nós a imagem de Cristo; o espírito de compunção e de reparação, em união com Ele. Exame sério; acusação leal, simples, inteira e humilde; contrição tão perfeita quanto

⁸ Frase incompleta no original.

possível; firme propósito, tendo por fim a emenda geral da nossa vida mas também a correção de determinado defeito em particular: eis as condições da nossa boa confissão. Acrescentemos-lhe a vontade explícita de nos unirmos mais intimamente a Jesus, de nos aproximarmos mais de Deus. “*Vós estáveis longe de Deus, vós vos aproximastes Dele no Sangue de Jesus Cristo, seu Filho*” (Ef 2-13). Que acção de graças nós lhe daremos por tão grande benefício! Que contas também a dar a Deus! Evitemos toda a negligência na recepção deste inefável sacramento.

b) - A Eucaristia. É a maravilha do amor de Jesus para conosco. É a conservação da vida espiritual. Pela sagrada Comunhão comemos o Pão dos Anjos, “capaz de tornar o homem divino”, bebemos o sangue “que inebria da Divindade”. Eis o melhor meio e o mais eficaz para nos unirmos a Deus, em Jesus Cristo e por Jesus Cristo. A intenção recta e piedosa que a Igreja exige para a comunhão quotidiana é, antes de tudo, o desejo de nos unirmos mais intimamente a Jesus Cristo, de nos adiantarmos e de nos fortificarmos no seu amor - o que S. Francisco de Sales chama “a grande intenção”-, e de encontrarmos na Eucaristia o remédio para as nossas doenças espirituais. Que meio generoso de nos tornarmos virtuosos para fazermos resplandecer em nós, aos olhos do Pai celeste, a imagem de seu Divino Filho! Pensamos nisso?... A acção mais santa e mais santificante, a mais divina e a mais divinizante não é para nós realizada como uma acção vulgar, por rotina, sem fé, sem piedade, sem fervor de vontade. Contas terríveis a dar ao Juiz Supremo de uma graça tão grande e tantas vezes recebida!

Peçamos à Divina Eucaristia, foco de santidade, a graça de aproveitamos dela pela nossa fé, pelo nosso amor, pelos nossos ardentes desejos, pela nossa gratidão. Peçamos a Nossa Senhora que nos ensine a procurar Jesus nesta fonte de vida divina, sobretudo para sua glória e para glória de seu Eterno Pai. Peçamos-lhe, enfim, que as nossas comunhões se assemelhem um pouco às dela.

2 - Na *oração*

a) - A oração litúrgica, fonte de graças, de luz, de impulsos divinos. Os Santos encontravam nela, plenamente, a Deus, porque O procuravam nela. Orar, suplicar a Deus, em nome da Igreja; unirmo-nos às intenções de Jesus quando sobre a terra reza a seu Pai... *exiit in montem orare et erat pernoctans in oratione Dei* (Lc. 6,12).

Cumprirmos seriamente este grande dever, a obra de Deus por excelência! “Opus Dei”
(S. Bento)

Gosto, diletantismo litúrgico, amor das melodias religiosas, de tudo me posso servir como de meios; mas o fim do Ofício é unir-nos a Nosso Senhor Jesus Cristo para a glória de seu Pai e santificação da Igreja. Esta intenção explícita será uma força para combater as distrações e evitar as negligências.

b) - A oração particular, vida de oração, vida de meditação, vida interior.

Esta oração particular tem por princípio esta verdade expressa por S. Tomás: “*Deus é mais íntimo a nós mesmos do que nós mesmos*”. A nossa alma é o templo do Espírito Santo, a habitação das três pessoas divinas.

Portanto, habitemos com Deus que vive em nós. Daí a necessidade do silêncio, das horas em solidão afectuosa com Deus, da guarda do coração. Oração litúrgica e oração particular auxiliam-se mutuamente uma à outra. Por elas se desenvolve na alma faminta, e sequiosa de Deus, a grande via interior da contemplação. A esta vida interior necessária é preciso dar auxiliares:

1 - A meditação da Sagrada Escritura, sobretudo do Evangelho: conversar com ele como com um ser vivo; de S. Paulo; procurar nele o conhecimento doutrinal e o amor apaixonado de Jesus; dos Salmos, expressões do louvor, da súplica, da acção de graças. Procuremos na Sagrada Escritura Aquele que a enche: o Verbo encarnado. “*Quando aproximo os lábios da taça misteriosa dos livros Santos, bebo Cristo*” (S.Ambrósio).

2 - A leitura dos Santos Padres. Que tesouros de doutrina e de piedade! Prezemo-los em demasia

3 - O estudo da Religião, necessário para sustentar e alimentar a nossa vida de contemplação e de oração.

4 - A leitura espiritual. Os maiores santos recorriam a este meio para impedir a alma de secar. Então, os bons autores escolhem os melhores, sobretudo, os santos.

Peçamos a Nossa Senhora que nos ensine a fazer da nossa vida uma busca incessante do seu divino Filho pelos sacramentos, pela oração litúrgica, pela meditação do espírito e do coração. (?)⁹, (Sl.18-15), aquela que põe o coração em Deus.

⁹ Frase em latim imperceptível.

Onde devemos procurar Nosso Senhor Jesus Cristo

(6.^a Instrução - Continuação)

*Quaeram...*¹⁰

3 - No *dever*. O dever é o conjunto das acções, quer exteriores quer interiores, que temos a obrigação de fazer para obedecermos à sua autoridade, que tem o direito de nos impor a sua vontade. A criatura humana é essencialmente um ser ligado pelo dever para com o Ser Supremo: Deus que a criou. Se tens algum direito, é o de cumprir o seu dever para com Deus, fonte das obrigações para com o próximo e para connosco. Procurar Jesus Cristo no dever e cumprir o dever, e todo o dever.

a) - Para O purificar no reconhecimento da Sua realeza sobre nós, nos direitos absolutos que tem de nos dominar e de nos governar. Seu Pai Lhe deu em herança todas as nações da terra e cada indivíduo dessas nações. *Dabo tibi gentes hereditatem tuam (Sl. 28)*.

b) - Para lhe dar a alegria que o Senhor encontra na fidelidade do seu servo, o Rei na lealdade do seu súbdito.

Porque procurar Jesus no dever?

1 - Porque o cumprimento do dever é o caminho mais seguro para ir a Jesus e viver na sua união. É o mais seguro porque é o da obrigação de nós mesmos, da renúncia à vontade própria. - Ouçamos o Senhor: “*Se alguém quer vir após de Mim, e a Mim, renuncie-se a si mesmo*” (Lc. 6,23). Quem não renunciar a tudo, não pode ser meu discípulo. (Lc 14, 26). É preciso levar essa renúncia até ao ódio de nós mesmos, da nossa alma, de tudo o que ela pode fazer contra Deus. “*Quem ama a sua alma, perde-a; quem a odeia, salva-a*”. (Jo. 12, 28). Santo ódio de nós mesmos!

Ora, quem pratica essa renúncia total, absoluta, íntima? Não é a religiosa fiel ao dever? Essa fidelidade implica numa obrigação constante de todos os dias e de todos os instantes. Percorramos toda a série de virtudes a praticar, das acções a cumprir, em harmonia com a regra, com o directório, com os usos, com as ordens dos superiores. Que vida de abnegação a vida da verdadeira religiosa? Que em todos esses deveres, em todas essas acções, ela não tenha em vista senão a glória e a vontade de Nosso Senhor, a formação e o aformoseamento da Sua imagem, a transformação de (?)¹¹ em claridade,

¹⁰ Frase incompleta no original.

¹¹ Palavra imperceptível.

nessa imagem bendita de Nosso Senhor Jesus Cristo que uma religiosa procura por amor, essa glória de Jesus em si: ela será uma santa.

Peçamos ao Divino Salvador que multiplique entre nós aquelas que buscam a sua glória no fiel cumprimento de todo o dever.

2 - Porque o cumprimento do dever é a prova mais certa do amor. Quando Jesus quis dar ao mundo a prova do Seu amor por Seu Eterno Pai, não encontrou outra senão a fidelidade ao dever que, no Homem-Deus, Deus impunha ao Homem. “*Meu Pai, dizia Ele, impôs-me uma ordem e para que o mundo saiba que Eu amo Meu Pai Eu faço o que Ele Me ordenou*” E, depois desta manifestação da sua alma, Jesus acrescenta: “*Levantai-vos, vamos*”. (Jo.14,31). Aonde vai Ele? Ao sofrimento, à humilhação, à Cruz, à morte. Que dever duro o Pai impôs a Seu Filho muito amado! E Seu Filho cumpriu-o, não só em palavras mas em actos também.

É por isso que, por Sua vez, Jesus nos declara que, se quisermos ser Seus amigos e dar-Lhe uma prova certa dessa amizade, devemos conformar-nos com o que Ele quer de nós, fazer o que Ele nos manda, numa palavra, cumprir o nosso dever.

“Não nos admiremos deste poder do amor. Amar é esquecer-se por aquele que se ama, é procurar, não o que nos agrada mas o que agrada àquele que amamos”. É a grande palavra de Nosso Senhor, exprimindo as suas relações com seu Pai: “Eu faço sempre o que agrada a Meu Pai” (Jo. 3, 19).

Peçamos ao Divino Salvador que seja também essa a grande regra das nossas relações com Ele.

3 - Porque o cumprimento do dever é a forma mais bela da união com Deus. Quando faço o que devo fazer, faço a vontade daquele que me impõe o dever. O amor não consiste no gosto, na devoção e no fervor sensíveis, mas na conformidade da vontade daquele que ama com a daquele que é amado. Não querer senão como quer o amigo, tanto quanto ele quer e como ele quer, eis a verdadeira amizade. A sua definição é esta: uma alma em dois corpos; a identificação dos sentimentos e das vontades. É o que realiza mim relativamente a Jesus quando O procuro no cumprimento do dever. Que glória, para Ele nesta fidelidade ao dever até nos seus mais pequenos detalhes! É a glória mais alta que Ele espera de mim.

Peçamos à Virgem Imaculada, Virgem fiel, que nos torne fiéis a seu Divino Filho.

Onde devemos procurar Nosso Senhor Jesus Cristo

(7.^a Instrução - Continuação)

*Quaeram...*¹²

4 - Nas *criaturas*.

1 - É uma doutrina familiar aos Padres da Igreja, que todas as criaturas têm em si vestígios Daquele que as criou. Nenhuma criatura há sem voz, e essa voz brada-nos: *Ipse fecit nos*. (Sl. 89, 3). Foi Ele que nos fez. No Verbo Eterno, ensina S. Tomás, estão as coisas eternas e os seres próprios de todos os seres; e todos esses seres, mesmo da ordem mais ínfima, nos recordam Aquele que nos tirou do nada. *Ipse dixit et facta sunt* (Sl. 32, 8). E S. Paulo não nos diz que as perfeições invisíveis de Jesus, o Seu poder eterno e a Sua divindade são, desde a origem do mundo, tornadas visíveis à inteligência pelas coisas que foram feitas? (Rom 1, 19-20). As palavras do Apóstolo são para meditar: *...quia, quod noscibile est Dei, manifestum est in illis; Deus enim illis manifestavit. Invisibilia enim ipsius a creatura mundi per ea, quae facta sunt, intellecta conspiciuntur, sempiterna eius et virtus et divinitas, ut sint inexcusabiles*.

Que afirmação luminosa e enérgica! Não receemos, pois, enganar-nos procurando Jesus Cristo nas criaturas materiais. Elas revelar-nos-ão Deus e convidar-nos-ão a um conhecimento mais íntimo dizendo-nos como a Santo Agostinho: *Quaere super nos*. S. Bernardo confessava que as heras das florestas tinham sido para ele excelentes mostras da ciência Divina.

2 - A criatura racional não tem só o vestígio de Deus Criador, mas a Sua imagem e a Sua semelhança (Gn. L,26). Resgatada pelo sangue de Jesus Cristo, ela tem também a imagem do Redentor. Baptizada em Cristo, está revestida Dele. (Gal. 3, 17). Pela graça torna-se o templo do Espírito Santo, o Santuário das três Pessoas Divinas. Ela é chamada por Deus à eterna bem-aventurança. É, portanto, no próximo que devemos procurar Jesus Cristo, sobretudo nas nossas Irmãs. Esta procura faz-se praticamente pelo exercício da caridade fraterna, e assim ela se impõe a cada uma de nós por várias razões.

a) - A caridade não é uma virtude de meio mas de fim; não é a perfeição instrumental mas essencial. O amor de Deus e o amor do próximo têm o mesmo objecto

¹² Frase incompleta no original.

formal: a Bondade Divina. Amando a Deus, amamos essa bondade, em si mesma e por si mesma; amando o próximo, amamos ainda essa bondade mas, no próximo. O objecto formal especificativo dos actos, dos actos de Deus e do próximo, são, pois, especificamente, os mesmos. Quem não ama a Deus não ama o próximo com amor sobrenatural de caridade; e quem não ama o próximo não ama a Deus. Meditemos estas palavras de S. João: *“Nós passámos da morte à vida porque amamos os nossos irmãos. Todo aquele que odeia seu irmão é homicida. Nós conhecemos a caridade de Deus: visto que Ele deu a sua vida por nós; assim devemos, do mesmo modo, dar a nossa vida pelos nossos irmãos”*. (1Jo. 3,14,15,16). *“Aquele que não ama seu irmão que vê, como pode amar a Deus que não vê?”*(1Jo 4, 20). E Jesus, depois de ter declarado que o primeiro e o maior mandamento é amar a Deus de todo o coração... acrescenta imediatamente que há outro mandamento de mesma natureza: o de amarmos o próximo como a nós mesmos. E formula assim a lei da caridade fraterna: *“Eu Vos dou um mandamento novo. Amai-Vos uns aos outros como Eu Vos amei”*.(Jo. 13, 34).

b) - Nosso Senhor declara que o seu preceito - *preceptum novum* - é o da caridade. Todos os preceitos são seus, porque ele é o nosso legislador, o nosso Senhor absoluto. Mas aquele que Ele tem mais a peito, aquele a que Ele liga mais importância é o preceito da caridade fraterna. Até faz dele o carácter distintivo dos seus discípulos (Jo13,35). Assegura-nos que *“tudo o que fizermos ao mais pequeno dos seus considerá-lo-á como feito a si mesmo”* (Mt 25, 31-46). Imbuídos desta doutrina, os Apóstolos pregaram sobretudo a caridade fraterna: entre todos, S. João que, segundo o testemunho de S. Jerónimo, respondia àqueles que se admiravam da sua insistência: *“É preceito do Senhor e, se se cumprir, isso basta”*. S. Paulo não é menos afirmativo *“Aquele que ama o seu próximo cumpre a Lei”* (Rm13, 8). Levai os fardos uns dos outros e é assim que cumpris a lei de Cristo (Gal 6,2).

c) - O exercício da caridade fraterna é uma guerra incessante feita ao amor próprio que nos leva a alimentar-nos de nós mesmos. Examinemo-nos muitas vezes sobre esta virtude à luz do retrato que S. Paulo traça da alma verdadeiramente caritativa: *“A caridade é paciente, doce, não é invejosa, não é ambiciosa. Não procede insolentemente, não incha, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não pensa mal. Sofre tudo, crê tudo, espera tudo, suporta tudo, ...”*. (1Cor 13, 1-7).

Peçamos a Nossa Senhora, Mãe de todas as almas, sobretudo das almas religiosas, que nos ensine a procurar Jesus e a encontrá-Lo no amor e serviço das nossas Irmãs.

Onde devemos procurar Nosso Senhor Jesus Cristo

(8.ª Instrução - Continuação)

*Quaeram...*¹³

Na Imaculada Virgem Maria, Sua Mãe. Maria ocupa o vértice da criação. Nenhuma criatura pode, como ela, conduzir-nos a Jesus. Daqueles que primeiro procuraram Jesus Cristo, os pastores e os magos, o Evangelho diz-nos: “*Encontraram o Menino com Maria, sua Mãe*”. (Mt. 2,11 e Lc 2,16). Foi também dos braços de Maria que o Divino Infante passou para os braços de Simeão. Estes factos manifestam-nos uma lei da ordem sobrenatural das nossas relações com Deus. Nós devemos procurar Jesus Cristo, e Deus estabeleceu como lei necessária que o não encontraríamos senão com Maria e em Maria. Por ela, dizia S. Cirilo no Concílio de Éfeso, as nações foram conquistadas para o Cristianismo. Ela é a porta pela qual saiu a Luz que ilumina o mundo. Porta em que mundo *lux est orta*.

Perguntemos a nós mesmos, e meditemos porque e como se deve procurar Jesus em Maria.

1 - Porquê?

a) - Por causa da sua santidade sobrevivente. Maria é cheia de graça; cheia de graça para ela mesma, diz S. Bernardo, superabundantemente cheia de graça para nós. Da sua plenitude devemos todos receber a graça e a santidade. Que santidade em Maria! Que irradiação da sua santidade nas nossas almas! Permanecemos sob a irradiação dessa alma, a mais pura, a mais divina, porque a mais próxima de Deus.

b) – Por causa do seu lugar no corpo místico de Cristo. Jesus Cristo é a cabeça. Dele parte, como da sua fonte, toda a vida, todo o movimento. Deus - Ele é o autor da graça que nos faz viver sobrenaturalmente; Homem - Ele é o Seu principal instrumento. A parte mais próxima da cabeça e por onde passa todo o influxo, toda a vida, é a coluna

¹³ Frase incompleta no original.

móvel que liga a cabeça ao corpo. Maria é o *Collum...*¹⁴ “É por ela que nos vem toda a graça. Deus, diz S. Bernardo, quer que tenhamos tudo por Maria. O fundamento teológico desta doutrina é que Maria nos deu Jesus Cristo. É ela que O dá sempre às almas. Subir ao nosso Chefe, à nossa Cabeça, sem passar por ela, é trabalhar em vão. Portanto, *ad Jesum per Mariam*.

c) - Por causa da sua Missão. Ela recebeu-a ao pé da Cruz: *Ecce Mater tua! Ecce filius tuus!* Por estas palavras, Maria foi encarregada de uma missão maternal junto de nós.

Mãe para nos proteger. Dando-no-la por Mãe, segundo o pensamento de Bossuet, Jesus colocou-Se na impossibilidade de nos rejeitar. Vamos a Ele com Maria e por Maria. E Jesus nos recolherá no Seu Coração.

Mãe para nos consolar nas nossas tristezas e para nos sustentar nos nossos desfalecimentos.

Mãe para a nossa educação cristã e religiosa. Ela está encarregada de formar Jesus em nós e de nos formar à imagem Dele. Permaneçamos na sua escola.

2 - Como ?

a) - Por uma devoção, não sentimental, mas doutrinal, baseada nesta verdade dogmática que Maria é Mãe de Jesus e, ao mesmo tempo, nossa Mãe. A Igreja aplica-lhe os mais belos elogios da Sabedoria eterna. *Qui me invenit inveniat vitam. In me...spes vitae et virtutis (Prov. 8, 5; Ecl. 24, 25)*.

b) - Por uma devoção não interesseira, mas filial. Procuremos nela e por ela todas as graças de santificação; mas, sobretudo, amemo-la, louvemo-la, invoquemo-la como uma Mãe. Vejamos nela mais a Mãe do que a Benfeitora. Tenhamos zelo pela sua glória; propaguemos o seu culto em torno de nós, com os nossos exemplos e, quando a ocasião se proporcionar, também com as nossas palavras. Que se sinta, ao nosso contacto, que não somos apenas uns dedicados mas, sobretudo, filhos amantíssimos de Maria.

c) - Por uma devoção, não superficial, mas íntima e profunda. Não nos contentarmos com orações e práticas exteriores em sua honra. Entremos numa intimidade filial com nossa Mãe. Vivamos com ela, no seu Coração; revistamo-nos da sua pureza, da sua humildade, da sua obediência, da sua caridade, de todas as suas

¹⁴ Palavra em latim imperceptível.

virtudes. É por meio de uma tal devoção que encontraremos nela e por ela a verdadeira vida das nossas almas; e esta vida não é outra senão Jesus Cristo. *Mihi vivere Christus est.*

Peçamos a Nossa Senhora que nos mostre Jesus, não só depois do nosso exílio - *nobis post hoc exilium ostende* - mas agora, desde já. Nós queremos já neste mundo ver Jesus, possuir Jesus, amar Jesus. À Santíssima Virgem é que pertence dar-nos essa união, essa posse, esse amor. Peçamos-lhe essa graça.

Como devemos procurar Nosso Senhor Jesus Cristo

(9ª Instrução)

*Quaeram...*¹⁵

Esta procura deve ter seis pedidos: sinceridade, humildade, confiança, fervor, constância, e perseverança.

Sinceridade.

Esta palavra, segundo S. Tomás, vivifica: sem corrupção, sem mistura. A nossa procura de Jesus Cristo, para ser sincera, deve, portanto, ser pura, sem mistura. Ora o nosso amor próprio faz que, nas circunstâncias, nos pormenores da nossa vida, enquanto procuramos Jesus Cristo, nos procuramos também a nós. E isto de dois modos:

1) - Deixando-nos preocupar e dominar pelo pensamento, pela consideração, pela estima da criatura. Contudo, não valem senão o que somos aos olhos de Deus. Desprendamo-nos, pois, do criado, dizendo com S. Paulo: “*Se procurar agradar aos homems, já não serei o servo de Cristo*” (Gal.1,10).

2) – Não procurando a nossa própria satisfação nas criaturas. E, todavia, Jesus, porque é Deus, não pode sofrer rival no coração que pretende procurá-Lo. Portanto, é preciso que nos desprendamos de todas as criaturas, sobretudo daquela que nos é mais íntima: nós mesmos. Para chegarmos a uma sinceridade perfeita, devemos mesmo não nos afeiçoarmos, não nos apegarmos senão a Ele só e não nos preocuparmos senão com

¹⁵ Frase incompleta no original.

os bens que nos proporcionem a procura de Jesus: o nosso repouso e a nossa santificação.

a) O nosso repouso. Felizes as almas que sempre, nas suas tristezas, trabalhos, tentações se refugiam no Coração de Jesus. O próprio Deus nos convida a isso. Já na antiga Lei Ele se compara a uma mãe que consola o filho com as suas carícias. (Is. 66, 10-14). E, na Lei Nova, com que ternura nos convida a irmos ao seu Coração: “*Vinde a mim todos os que estais fatigados... eu vos aliviarei*”. (Mt. 11, 28). Por isso, procurar em Jesus o nosso repouso, a nossa consolação, é permitido; mas não é ainda a sinceridade perfeita. É necessário subir mais alto.

b) A nossa santificação. Deus quere-a. *Sancti estote* (Lc. 11, 14). Onde encontrar essa santidade? Em Jesus Cristo que é não só o exemplar dela mas a fonte também. “*Não se fez Ele a nossa sabedoria, a nossa justiça, a nossa santificação*”. (1Cor 1, 30). Ditosa a alma que, pela imitação das suas virtudes, se transforma proporcionalmente na imagem do Bem-amado.

Isso é bastante perfeito? Não. Procurar em Jesus Cristo o nosso repouso e a nossa santificação é ainda procurar-nos a nós mesmos, procura muito legítima e muito santa, mas onde, contudo, há ainda mistura do criado e do incriado. Nós podemos levar a sinceridade a um grau mais elevado: procurar Nosso Senhor só por Ele, pela sua glória, pela sua vontade, sem nenhuma reflexão sobre o nosso próprio interesse. *Quae placita sunt ei, facio semper* (Jo. 8, 29).

É esse o amor mais puro que transforma a alma em Deus. *Sic affici deificari est*. (S. Bernardo).

Manter-se sempre actualmente nesse grau supremo da sinceridade não é possível à nossa fraqueza. Aspiremos, pelo menos, a multiplicar-lhe os actos, a habituar-nos a isso, sem por esse motivo descurarmos os actos de esperança, de reconhecimento, etc.

Humildade.

É a disposição mais necessária. Ela produz na alma todas as outras. Sem ela, os nossos esforços seriam estéreis porque nos faltaria a graça. Para sermos humildes, devemos ter uma tríplice presunção.

1 - Os dons de Deus excedem o mérito dos esforços que fazemos para os obter. Deus exige os nossos esforços mas ordena-nos também que não contemos com eles:

Quia sine me nihil potestis facere. (Jo.15,5). Devemos, pois, estar prevenidos de que só por nós nunca chegaremos a possuir Aquele que quereríamos. E isto por três razões:

a) - *A desproporção entre os nossos esforços e o fim a alcançar.* Trata-se de nos unirmos a Jesus, de nos transformarmos Nele. É a obra mais divina depois da Encarnação.

b) - *A harmonia necessária entre Jesus e a maneira de O procurarmos.* Jesus aniquilou-se no seio de Sua Mãe. Para encarnar, esperou o acto de humildade de Maria: *Ecce ancilla Domini. (Lc.1-38).* Desde a Encarnação até à Sua morte é, por toda a parte, o Deus humilhado. Como procurá-Lo eficazmente por outra via que não seja a humildade?

c) - *As lições de Jesus: “Aprende de mim que sou manso e humilde de coração”.* (Mt. 11, 29). Aos humildes, as suas predilecções; mas, aos orgulhosos, esta palavra terrível: *“Vós me procuráveis e não me haveis de encontrar”.* (Jo.7,39).

2 - Sem um auxílio especial de Deus é-nos impossível conservar os dons que Ele nos deu. Nós levamos estes dons divinos em vasos frágeis e, quanto mais elevados eles são, tanto mais difícil é conservá-los. Ora, o dom que Jesus faz a uma alma, incitando-a a procurá-Lo e deixando-se encontrar e abraçar às vezes por ela, é o dom por excelência. Não se pode conservar senão por graça especial da bondade de Deus; e é a humildade, manifestando-se pela desconfiança e pelo mesmo receio de nós mesmos, que atrai essa graça.

3 - Ninguém pode ter a certeza de que procura Jesus como deve procurá-Lo. Temos a expulsar-nos tantas negligências, tantas infidelidades, tanta pusilanimidade e tanta cobardia! Mas, por mais generosos, por mais cuidadosamente fiéis que sejamos neste trabalho divino, devemos realizá-lo sempre com sincera humildade, convencidos de que somos seres inúteis (Lc. 17,10).

Peçamos ao Imaculado Coração de Maria, cuja humildade atraíu a si Jesus, que nos alcance esta virtude tão necessária como difícil de praticar, para que possamos procurar eficazmente o seu Divino Filho.

Como procurar Nosso Senhor Jesus Cristo

(10.^a Instrução - Continuação)

*Quaeram...*¹⁶

Confiança em Deus.

Ela deve caminhar a par da desconfiança sobrenatural de nós mesmos, portanto, alegre, corajosa e generosa. Quanto menos contamos connosco, mais contamos com o auxílio eficaz da graça.

1. Os fundamentos da confiança são segundo S. Tomás:

a) - *As palavras, promessas e actos de Deus.* A Sagrada Escritura não é senão um convite incessante, sob mil formas diversas, de Deus à sua criatura para que ela O procure, a fim de O adorar, servir e amar: “*Eu vim para que tenham a vida. (Jo 10, 10).* Vinde todos a Mim”. Ele é o nosso caminho, a nossa vida, o nosso Pão da Vida. A esta alma, sobretudo à alma religiosa, Ele diz: “*Vem, minha bem-amada, e eu colocarei em ti o meu trono*” (Liturgia).

b) - *As suas graças em nós.* Dons naturais e sobrenaturais; graça, virtudes infusas, vocação religiosa com todos os seus meios de santificação, inspirações, participação das humilhações e dos sofrimentos de Cristo; todos esses dons do Seu amor infinito não nos inspiram a confiança de encontrar Aquele que amamos?

c) - *O seu amor e o seu poder.* Este amor, nós o temos nas Suas palavras, no Seu sangue. “*Vós sois Meus amigos*” (Jo 15,16). “*Ele me amou e se entregou por mim*” (Gal.2, 20). Ele tudo pode. Nada resiste ao seu poder. Diante dessa bondade e desse poder, como não ter confiança e repetir com Santa Teresa: “*Meu Deus, vós sabeis tudo, vós podeis tudo e vós me amais*”.

2 - Efeitos da confiança. Ela faz que encontremos Jesus, mas, além disso:

a) - *Eleva-nos pelas asas da fé e da esperança* acima das vulgaridades deste mundo e do pequeno mundo que é o nosso interior. A alma confiante torna-se forte e inabalável mesmo no meio das maiores dificuldades, porque Deus é o seu apoio.

b) - *Ela prepara em nós uma habitação* na qual vivemos com Cristo.

c) - *Ela dá-nos a paz, a calma.* A confiança, que é a esperança corroborada pela convicção de que Deus, infinitamente bom e onnipotente, nos chama e quer dar-Se a

¹⁶ Frase incompleta no original.

nós, essa confiança é maravilhosamente eficaz para nos fixar no abandono ao amor sem limites por Jesus que, do alto do Céu e do Seu Sacrário, vela sem cessar por nós.

Fervor.

Na Sagrada Escritura Deus é muitas vezes comparado com o fogo: *Ignis consumens*. (Dt 4, 24). Ele envia o seu Espírito sob a forma de línguas de fogo. Em Paray-le-Monial, Jesus Cristo nos mostra o seu Coração cercado de chamas. Nosso Senhor é um fogo. Deve haver harmonia entre Ele e a nossa maneira de O procurar. A nossa procura deve, pois, ser fervorosa.

a) - *Onde se encontra este fervor?*

Na imaginação?

Não, porque nada está mais sujeito a ilusão. Podemos e devemos servi-nos dela, mas ela não deve dominar. De contrário, a alma se formará um ideal falso, acanhado; perfeição à sua maneira, donde estarão ausentes a cruz e a renúncia.

No sentimento?

Não, porque nada há de mais frágil. Enquanto experimenta consolações, a alma sentimental procura ardentemente Jesus Cristo. Venha a aridez, venha a secura e ela afasta-se Dele cobardemente. Ontem tudo, hoje nada.

Só na inteligência?

Não, porque nada há mais estéril. “*Sem a caridade, nada sou*” (1Cor.13-2). Mais vale o simples catecismo com um grande amor de Deus, do que uma grande ciência que se arrasta na mediocridade.

Na vontade?

Sim, mas na da alma quente que se assemelha a um fogo ardente *Anima calida quasi ignis ardens* (Ecl. 23, 22) e não na veleidade do preguiçoso, nem na vontade aparente do tíbio. A procura de Nosso Senhor não se faz senão pelo amor. Ora, o amor reside na faculdade mestra: a vontade. Que esta permaneça fervorosa e nós procuraremos eficazmente Jesus Cristo, porque cumpriremos lealmente a Sua vontade e assim nos mostraremos seus verdadeiros amigos.

b) - *Qualidades da vontade fervorosa*. Segundo S. Paulo, ela é: *Bona, beneplacens est perfecta*. (Rom 12, 2).

Bona, boa. A vontade é o desejo do bem; desejo que, na alma fervorosa, se torne uma verdadeira fome e sede de Nosso Senhor Jesus. Então a alma tende inteiramente

para Jesus Cristo, em qualquer estado em que ele se lhe apresente: combate, tristeza, provação, amor, sofrimento. *Sequar te quocumque ieris; beneplacens* cheia de atenções (Lc 9, 57). Quando a alma vê a ternura de Deus, corresponde a essa ternura pela delicadeza do seu amor. Cumprirei todo o meu dever, porque é essa a vossa vontade, para dar ao vosso Coração um acréscimo de alegria accidental: *Ita, Pater, quoniam sic fuit placitum ante te. (Mt 11,26)*

Perfecta, perfeita. Esta perfeição consiste na fome e na sede da união com Jesus Cristo, e na generosidade em aproveitar todas as ocasiões que se oferecem à vontade de exercer a sua actividade: “*Perfecta, pura data opportunitate operatur*” (S. Tomás). Que diferença entre tíbios e fervorosos! A mesma vida, os mesmos exercícios! Aqueles chegam, contudo, ao fim da jornada, ao fim da vida, de mãos vazias. Aos fervorosos será dito: “*Entrai na alegria do vosso Senhor*” (Mt 21,23).

Peçamos ao Coração Imaculado de Maria, de coração tão abrasado de amor, que faça que sejamos “*spiritus ferventes*” (Rom12, 11).

Como procurar Nosso Senhor Jesus Cristo

(11.ª Instrução - Continuação)

*Quaeram...*¹⁷

O que falta mais não é a luz mas a força de vontade, força que se mede pelo esforço. Para todas as coisas e, sobretudo, para a busca de Nosso Senhor, são precisas três coisas, das quais, cada uma reclama um esforço:

a) - A decisão, acto pelo qual diremos: é preciso querer. A alma indecisa arrasta a sua vida de mediocridade, a maior das desgraças depois da perda do Céu.

b) - A execução: pôr mãos à obra. Eu quero, eu actuo. Coisa ainda mais rara que a decisão, porque reclama um grande esforço.

c) - A constância e a perseverança. Não antes de ter atingido o fim (Mt. 21,13). O objecto destas duas virtudes é o mesmo: fortalecer a vontade na consecução do mesmo fim. Elas diferem, em que a constância fortifica a vontade contra as dificuldades

¹⁷ Frase incompleta no documento original.

provenientes dos obstáculos exteriores, ao passo que a perseverança a fortifica contra a dificuldade proveniente da duração do acto.

Constância.

Sem ela, a alma não chegará nunca a combater todos os obstáculos que se erguem diante de si no caminho da santidade.

O primeiro obstáculo, provém de nós mesmos, da preocupação do eu. Haverá sempre em nós oposição entre o homem velho e o homem novo. Não percamos de vista este combate.

Segundo obstáculo: a aspereza e a monotonia do dever. A procura de Nosso Senhor consiste na prática séria e quotidiana de todas as virtudes, nos mesmos exercícios, na companhia das mesmas pessoas e, sobretudo, na aceitação dos momentos decisivos da vida, em que o dever é mais austero.

Terceiro obstáculo: os acontecimentos exteriores. Pequenos acontecimentos da vida de comunidade: contrariedades, mal entendidos, choques, etc. A alma constante pisa-os aos pés, ou melhor, muda-os em pérolas para adornar a sua coroa. Grandes acontecimentos da Irmandade e da Igreja: Nosso Senhor desconhecido e perseguido; defecções, escândalos, etc. A alma constante serve-se disso para se aproximar mais do divino Amigo e para lhe dizer humildemente, mas com ardor: “*Eu ser-vos-ei fiel, tanto mais quanto mais defecções houver*”. Esta constância deve acompanhar-nos até ao fim da nossa vida, porque são precisos muitos esforços para nos revestirmos dos pensamentos e dos sentimentos de Nosso Senhor, para nos unirmos a Ele e vivermos da sua vida.

Perseverança.

Ela também deve durar toda a nossa vida, porque:

1 - Não encontraremos plenamente Jesus Cristo se não entrarmos no Céu. Sobre a terra, quanto mais O procurarmos mais desejamos procurá-Lo. E este desejo cava em nós abismos cada vez mais profundos, capacidades infinitas de ver, de amar, de possuir Aquele a quem amamos.

2 - A nossa vida é uma alternativa de presença e de ausência de Nosso Senhor, de delícias e desilusões, de paz e de luta. Deus assim o permite para purificar o nosso amor, manter-nos na humildade, desconfiança de nós mesmos, e incitar-nos a uma

busca mais ardente. É preciso perseverar até que possamos dizer no Céu: *Termini eum.*
(*Cant.3,4*)

3 - Três escolhas da perseverança:

a) - Transviarmo-nos, perdermo-nos, deixando que se obscureça o ideal da busca de Jesus. Consequência: a vontade não se preocupa já com o mesmo ardor e sai do caminho por bagatelas.

b) - Pelo desânimo: a alma deixa-se cair no espírito de mediocridade que obedece à lei do menor esforço. O que a caracteriza é a actividade calculada quanto ao seu ideal e quanto ao seu alcance.

c) - Volta-se atrás, recua-se. Vai-se numa vida negligente, tibia, cobarde.

4 - Meios de perseverar:

a)- Reavivar a fé na sabedoria, no poder e, sobretudo, no amor Daquele que procurarmos.

b)- Querermos bastante fortemente para podermos

c) - Ser almas de oração e de sacrifício.

d) - Renovar todos os dias o desejo de procurar Nosso Senhor com um coração esfaimado e sequioso.

Peçamos ao Coração Imaculado de Maria que nos faça perseverar até à posse eterna de seu divino Filho, sem nunca nos transviarmos, nem pararmos, nem voltarmos atrás.

A DOÇURA E A PACIÊNCIA DE NOSSO SENHOR

1.º Prelúdio - Verei Nosso Senhor atraindo as multidões, não só com os seus benefícios e os seus milagres mas também pelo encanto, pela doçura, pela simplicidade da Sua Pessoa. *Venite ad me omnes qui laboratis...*

2.º Prelúdio - Pedirei a graça de compreender bem e de praticar esta grande lição, tão útil para o bem do meu próximo e para a minha própria felicidade.

I.º Ponto - A doçura de Jesus

Quando ela é uma virtude e não simplesmente o facto de um temperamento mais ou menos apático, a doçura nasce da força e da bondade do coração, da força que domina as emoções da sensibilidade, os afectos da alma e da bondade, que os inclina para o bem dos outros. A doçura é atraente e conquistadora: *Beati mites quoniam possedebunt terram...*

Achamos natural que se seja doce para conosco, mas é difícil sê-lo para com o próximo. Em vez da caridade fraterna que devia levar-nos, sem cessar, a esquecer-nos de nós mesmos por causa dos nossos irmãos, são choques contínuos, pelo menos um mal-estar, disposições que geram o aborrecimento, o enfado, a irritação, a antipatia, a aspereza de palavras, a rudeza de maneiras e, quem sabe se o despeito e o ressentimento!

O Divino Salvador veio curar as nossas enfermidades morais; pela sua virtude original, que domina todas as nossas misérias, tem delas infinita compaixão como o explica a Epistola aos Romanos 7, 29. Era-nos preciso um medianeiro santo, inocente, estranho a toda a mancha; separado dos pecadores pela sua própria perfeição, podia ir até eles na condescendência da sua piedade.

O Profeta tinha-o previsto no longínquo dos séculos como “*um rei cheio de doçura*” (Zc. 9, 9); Ele não altercará, não gritará... “*Não acabará de partir a cana rachada e não apagará a mecha que ainda fumeja*” (Is. 42, 2). O Cristo do Evangelho é exactamente tal qual o tinham descrito os Profetas: *Venite ad me quia mitis sum et humilis Corde.*

Qual não foi a sua doçura para com os homens, para com todos! Contemplemo-Lo no meio dos Apóstolos. Quanto teve a sofrer da parte desses espíritos grosseiros!

Suporta a sua rudeza, a sua vulgaridade, a sua incompreensão do reino que lhes promete, da missão que quer confiar-lhes; suporta a sua vaidade, a sua pretensão de ocupar os primeiros postos; suporta a sua falta de fé, a sua cobardia, a sua traição. Vejamos também a sua serenidade nos ensinamentos que deu; a sua condescendência, a sua ternura.

Que contraste com a nossa conduta para com o nosso próximo que afastamos talvez, que magoamos com a nossa impaciência, com a nossa indiferença, com a nossa rigidez excessiva! Não podemos suportar os seus defeitos quando a nossa profissão exige que tenhamos, mais que ninguém, compaixão da fraqueza, da miséria dos outros. Devemos tratar bem as almas, animá-las, ajudá-las, corrigi-las, se temos essa missão, sem nunca nos enfadarmos com elas.

Nosso Senhor é duma condescendência infatigável para com todos aqueles que Dele se aproximam: absolve os pecadores e defende-os, modera o zelo impaciente dos apóstolos, desculpa a cegueira às multidões; não quer que se arranque o joio antes da hora própria; não se queixa, nem dos doentes que o perseguem, nem das crianças que lhe embargam os passos... Manso com os inimigos, com Judas, com os seus algozes, não se afasta da sua doçura...

As suas disposições interiores explicam a sua doçura; a sua alma gozava de uma paz perfeita; nada o dissipava, nada perturbava a sua interna união com seu Pai. Não adquirimos a doçura senão tornando-nos senhores da nossa alma e das suas paixões.

II.º Ponto - A paciência de Jesus

Jesus não foi só manso para os homens, foi doce para as coisas; ensinou-nos a paciência que é a grande ciência da vida... Quantas coisas não é necessário suportar durante a nossa vida? A própria vida não é senão uma longa provação, com as suas contrariedades, as suas surpresas, os seus acidentes, as suas insuficiências. É preciso sofrer as incomodidades das estações, os abalos da saúde, as infidelidades da sorte, as tribulações interiores, as contradições das criaturas, as traições da amizade, o dilacerar das últimas separações. Não se tem senão a escolha dos exercícios da experiência.

Porque temos tantas dificuldades nesse ponto? É porque há em nós uma necessidade inata de felicidade, e essa necessidade é legítima. Mas não quereríamos ter de a fazer com esforços, com renúncias, com sacrifícios. Quereríamos dobrar, fazer

vergar tudo aos nossos caprichos, aos nossos desejos. Daí as nossas murmurações contra a Providência, as nossas críticas contra as penas, e as nossas revoltas.

O Divino Salvador veio também corrigir este erro tão comum e dá-nos os mais tocantes exemplos de paciência. A Sua vida passa-se a sofrer e a suportar... Sofreu a pobreza desde a Sua infância e amou-a. Submeteu-Se à dura lei do trabalho manual, a maior parte da sua vida. Sofreu as contradições, a oposição da malícia humana aos Seus adoráveis desígnios... Sofreu a calúnia; viu até os Seus benefícios condenados como crimes. Na Paixão experimentou todos os sofrimentos do corpo, da alma, do coração: a flagelação, a coroação de espinhos, a cruz; os escárneos, as injúrias, os desprezos; a renegação, a traição, o abandono, etc. *Christus non sibi placent*.

Depois de ter suportado a provação com paciência, pode dar-nos lições: *In patientia vestra possedebitis animas vestras (Lc. 21, 19)*. É à força de paciência que salvareis a vossa alma: *Et fructum afferunt in patientia (Lc. 8, 15)*.

A paciência é a condição de salvação, e as almas mártires são almas de paciência.

Somos às vezes tentados a lastimar que Jesus não tenha mostrado mais cuidado da sua honra. Aos ultrajes da Paixão opôs um silêncio cheio de doçura: Jesus deixou-Se prender e amarrar; deixou-Se insultar, flagelar; deixou-Se matar. Foi paciente até à morte.

Esforcemo-nos por compreender esta lição do Divino Mestre e até onde deve ir na doçura e na paciência. Quantas ocasiões a vida nos oferece para isso, a cada instante!

Em vez de ferirmos os nossos irmãos, esqueçamo-nos por eles. Aceitemos os próprios (...) ¹⁸

¹⁸ Restante frase imperceptível.

O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

1.º Prelúdio - Representemo-nos Nosso Senhor mostrando o Seu Coração a Santa Margarida Maria e dizendo-lhe em substância: Eis o Coração que tanto amou e não é amado.

2.º Prelúdio - Perguntemos humildemente a Nosso Senhor porque é que quis mostrar-nos o Seu Coração coroado de espinhos, rodeado de chamas, encimado pela cruz e aberto pela lança.

I. Ponto - Jesus mostrou-nos o Seu Coração cercado de espinhos.

1.º - Jesus Cristo, o Filho único de Deus, é coroado de glória e de honra. É Dele que foi dito: Vindo a este mundo para nos resgatar, foi coroado de espinhos. Que significam estes espinhos que rodeiam e ferem Seu Coração?

2.º - Na (?)¹⁹ dos tempos, revelando-nos o Seu Coração, no-Lo mostra coroado de espinhos. Que significam esses espinhos que cercam e ferem esse Coração? O Profeta responde a esta pergunta: Eles me pagaram o bem com o mal e o amor com o ódio.

Reflectamos e vejamos se estas queixas não nos dizem respeito. Quantos benefícios recebidos de Deus? Como lhes temos correspondido? Qual foi o nosso reconhecimento?

Em vez de uma coroa de virtudes, não é talvez uma coroa de pecados que temos entretecido e com a qual temos coroado esse Coração divino? Pecados da nossa mocidade, pecados da nossa vida religiosa, indelicadezas, pusilanimidades, desfalecimentos, ingratidões...

II. Ponto - Jesus Cristo mostrou-nos o Seu Coração encimado de chamas.

Que significam essas chamas que saem do Coração de Jesus? Essas chamas são, pois, o símbolo do Seu amor para conosco. Elas recordam-nos também o amor que devemos ter por Ele.

a) - Nosso Senhor teria podido resgatar-nos sem dor, sem sofrer, mas não há maior prova de amor do que dar o sangue por aqueles a quem amamos. E Jesus morreu

¹⁹ Palavra imperceptível.

por nós. As chamas do Seu Coração recordam-nos o amor de que Ele estava abrasado e se consumia por nós.

b) - Mas o amor exige o amor. É mesmo Nosso Senhor que no-lo diz. Que é que Ele deseja senão ver toda a terra abrasada pelas chamas da caridade?...

De que me serviria esse fogo que sai do Coração de Jesus se não fizesse inflamar o meu coração? Como os corações dos santos ardiam dessas divinas chamas do amor! S. Francisco de Assis, Santa Teresa de Jesus, S. Francisco Xavier, S. Estanislau Kostka...

III. Ponto - Jesus mostra-nos o Seu Coração com uma cruz e uma ferida.

1º. - Como são tocantes as lições dessa cruz plantada no Coração de Jesus!

a) - Foi sobre a cruz que Ele lavou os nossos pecados e as nossas iniquidades... Foi a cruz o instrumento da nossa redenção... Foi sobre a cruz que orou pelos Seus algozes... que orou por todos nós... que prometeu o paraíso ao bom ladrão...

b) - Como são tocantes as lições dessa cruz!

Foi sobre a cruz que me deu Sua Mãe... que me deu Seu Coração... Foi sobre a cruz e pela cruz que pôde dizer: *“Tudo está consumado!”*

c) - Se conhecêssemos o mistério da cruz e o amor que Deus nele nos testemunhou, como corresponderíamos ao amor com o amor! Como diríamos com Santo André! *O bona crux...*

2º - Nosso Senhor mostra-nos o Seu Coração ferido:

a) - Para nos recordar o mistério do Seu perpétuo amor.

O Seu Coração foi aberto e jamais será fechado... Foi aberto para que, em todas as nossas aflições, pudéssemos, com confiança, recorrer a Ele... É um asilo, é um lugar de repouso na fadiga, é um oceano onde eu devo haurir a mãos cheias.

b) - Por essa ferida Jesus nos manifesta também a ingratidão dos homens que, deliberadamente, continuam com as suas ofensas a ferir o Seu Coração Divino...

Não é apenas uma lança, são milhares delas que, todos os dias, trespassam esse Coração amante. Cada pecado é uma lança que o fere... Feridas inumeráveis!... Feridas tanto mais cruéis quanto é certo que vêm de almas mais cumuladas de benefícios, mais privilegiados...

Façamos um colóquio com Jesus, em que confessemos as nossas infidelidades e digamos tudo o que o nosso coração nos sugere.

CONTEMPLAÇÃO PARA EXCITAR EM NÓS O AMOR

DIVINO

Nota: É preciso recordar duas verdades: em primeiro lugar, o amor consiste muito mais nas obras do que nas palavras; em segundo lugar, o amor reside na comunicação mútua dos bens. O fim desta meditação é inspirar-nos o amor perfeito; é uma introdução à vida unitária, à contemplação mística.

1.º Prelúdio - Colocar-me-ei, muito humilde, ao pé do trono de Deus, na presença de todos os Anjos, de todos os Santos, de toda a corte celeste.

2.º Prelúdio - Pedirei o conhecimento íntimo dos benefícios que recebi de Deus, a fim de que, num vivo sentimento de gratidão, me consagre sem reservas ao serviço e ao amor da Sua Divina Majestade.

I Ponto - Benefícios gerais e particulares de Deus.

Recapitularei os bens de que Deus me cumulou por amor, reflectindo um pouco sobre cada um deles.

1 - Bens gerais.

a) - Na ordem da natureza: a criação e todos os bens; a existência e a sua continuação...

b) - Na ordem da graça: a Encarnação, a Redenção, a Igreja, os Sacramentos...

c) - Na ordem da glória: o Céu e as suas alegrias, a posse de Deus durante a eternidade!...

2 - Bens particulares.

a) - Na ordem da natureza: a integridade da minha alma e do meu corpo; os meus sentidos, as minhas faculdades... A minha posição na sociedade... A minha família, a sua dedicação para comigo e os seus sacrifícios... A minha situação e a consideração de que posso gozar...

b) - Na ordem da graça: o meu nascimento num país católico, de pais católicos; a educação tão cristã que eles me deram. A minha vocação para a vida religiosa, que é para mim a fonte de graças sem número! Ainda que não fossem senão a graça de ouvir a Santa Missa todos os dias e a de poder comungar todos os dias!... Graças inteiramente pessoais que eu sou o único a conhecer.

c) - Na ordem da glória: a glória no Céu é em proporção com as graças que se receberam na terra. Que glória não está reservada à religiosa durante a eternidade!... Na verdade, Deus cumulou-me dos seus dons; tudo me vem Dele.

3 - Grandeza desses bens.

a) - Em razão daquele que dá. Um benefício varia de preço segundo a pessoa que o concede. Uma coisa é um presente que vem de um igual, outra coisa é um presente que é dado por um príncipe... Ora, é o Cristo, o Senhor absoluto de todas as coisas, que me cumula de todos os dons da natureza, da graça e da glória!...

b) - Em razão da pessoa a quem esses dons são concedidos. O dom de um príncipe feito a um simples súbdito, tem mais valor que o mesmo dom feito a um (?)²⁰

Ora, foi a mim que Deus dispensou os Seus dons inefáveis, a mim que não tenho nada de meu e que nada mereço, a mim que tenho Dele tudo o que tenho e tudo o que sou... Que devo eu fazer em retorno?...

Colóquio - Já que Deus, por amor, comunica os Seus dons e se dá a Si mesmo, é justo que eu Lhe restitua o que recebi Dele e cujo (?)²¹ me deixou. *Suscipe, Domine, universam meam libertatem. Accipe memoriam, intellectum atque voluntatem meam omnem. Quidquid habeo vel possideo mihi datum es; id tibi totum restituo...* (*Leão XIII*).

II.Ponto - Para nós, Deus está presente em todas as criaturas.

Continuarei, em detalhe, a maneira como Deus me cumula dos Seus dons.

Não sucede com Deus, como com os poderosos da terra. Quando um grande deste mundo quer fazer um presente, não o faz ordinariamente por si mesmo; fá-lo levar por alguém. Não é assim que Deus procede. É Ele próprio que nos dá as criaturas e, dando-as, permanece nelas como permanece em cada um de nós...

Como é que Deus está presente nas criaturas?

a) - Por amor de mim, Deus está presente em toda a terra. Ele está presente no universo inteiro pela Sua essência e pelo Seu poder. Puro espírito, Ele está em todo o lugar e todo em cada lugar. Ou antes; Ele é o nosso lugar: *In ipso vivimos et movemur et sumus*. O objecto que se deita no mar não está mais rodeado de água do que nós de Deus; o vaso que se enche de um líquido não está mais cheio desse liquido do que nós

²⁰ Palavra imperceptível.

²¹ Palavra imperceptível.

de Deus... Está presente nos minerais dando-lhes o ser e conservando-os; nos vegetais dando-lhes o ser e a vida; nos animais, dando-lhes o ser, a vida e a sensação.

b) - Por amor, Deus está presente em mim de uma maneira especial. Está presente em mim, dando-me o ser, a vida, o sentir, o compreender, a vida intelectual que me eleva acima de todas as criaturas materiais... Acima desta vida intelectual, para coroar a Sua obra de amor, Ele dá-me a Sua própria vida, a vida divina, a vida da graça; Deus está em nós pela graça; nós somos os templos vivos de Deus; mais do que isso: somos Seus filhos. A este benefício inestimável da habitação de Deus em nós, devemos corresponder com a lembrança habitual da presença de Deus; devemos adorá-Lo, amá-Lo e gozar Dele em nós.

III. Ponto - Por nós, Deus trabalha e actua em todas as criaturas, mas trabalha e actua em cada uma delas.

a) - Trabalha e actua nas criaturas materiais e animais. Opera em tudo o que elas fazem e produzem para nós. Trabalha nesta terra que nos sustenta, nos astros que nos alumiam, no alimento que nos nutre, em todos os seres que estão ao nosso serviço.

Na ordem sobrenatural, trabalha e actua em nós mais ainda que na ordem natural, porque, como a ordem sobrenatural é, sem um prodígio inefável, inacessível à minha natureza, tudo o que nela se faz é obra directa de Deus.

Com toda a verdade, Ele se consome por nós. Jesus fatigou-se por nós durante a Sua vida... Deus continua a agir em nós pelas Suas inspirações, pelas Suas graças... Nosso Senhor opera em nós como a cepa da videira sobre os sarmentos...

Pois que Deus se consome assim, não devo eu, no Seu serviço, consumir-me igualmente e não reçar nunca diante da dificuldade, da fadiga e do sacrifício!...

IV. Ponto – Deus, fonte de toda a beleza de todo o amor.

Deus, que é o Bem infinito, pôs nas criaturas alguma coisa da Sua bondade, tudo o que elas têm de bom. Todos os bens nos vêm de Deus, como os raios procedem do sol ou o regato de nascente; Deus comunica-se a elas por nós e por elas devemos elevar-nos até Deus, como do raio se remonta ao sol, do regato à nascente. *Invisibila enim ipsius a creatura mundi per ea, quae facta sunt, intellecta conspiciuntur (Rom 1, 20).*

Tudo o que há de belo e de grande na natureza, nas inteligências, nas almas, no mundo sobrenatural, tudo o que amamos, tudo o que admiramos não é amável e grande sem ser por um dom de Deus, uma semelhança de Deus. Nós amamos as belezas da natureza; mas elas não são senão uma pálida imagem, um reflexo longínquo, uma sombra de beleza infinita. Amemos essa beleza de Deus.

Agrupemos todos os artistas mais sedutores, os génios mais profundos. Não são senão humildes gotas escapadas da nascente divina. Amemos a Deus, fonte de toda a inteligência.

Resumamos todos os amores, todas as dedicações das mães, dos heróis, dos Santos. Tudo isso não é senão uma (?)²² de Deus. Amemo-Lo pelas Suas perfeições infinitas.

Subamos ainda: eis o mundo dos Anjos; eis a Santíssima Virgem que excede toda a ordem da natureza, toda a ordem sobrenatural; eis, mais alto ainda, a Humanidade de nosso Senhor.

Estamos, finalmente, em Deus? Não! Deus criou todos esses seres e é infinitamente mais. Unamo-nos, pois, a Ele, amemo-Lo, não só por reconhecimento ou por interesse mas porque Ele é o Bem supremo, por si mesmo... É esse o grau mais perfeito do amor.

Qual será a consequência desse amor? O desprendimento completo de todas as coisas, de maneira que vivamos no meio das criaturas como se elas não existissem; a doação inteira de nós mesmos, a fim de não respirarmos senão por Deus, de sermos apaixonados de Deus; a libertação mais completa, porque o coração está então à vontade. Possui-se uma paz profunda, uma grande alegria da alma, o antegosto do Céu!... Ver Deus sobre a terra em tudo, saboreá-Lo, alimentarmo-nos Dele; é um tema sem fim.

Colóquio para nos darmos inteiramente. *Suscipe, Domine, etc.*

²² Palavra ilegível.

MEIOS DE PERSEVERANÇA

1.º Prelúdio. - Representar-me-ei Nosso Senhor olhando-me com bondade, e dizendo-me:

2.º Prelúdio: - Pedirei a graça da perseverança e a boa vontade para pôr em prática as minhas resoluções.

I. Ponto - Para perseverar, recordar os motivos de conversão.

Esperar ser atacado. O retiro vai acabar mas não a luta. Esta vai, pelo contrário, recomeçar. Para vencer tenho meios a empregar.

1.º - Recordarei muitas vezes os motivos que, durante o meu retiro, me determinaram a reformar a minha conduta e a não viver já senão para Deus.

Deus é o meu primeiro princípio e o meu último fim; Ele tem sobre mim um domínio absoluto. Donde se segue que devo referir tudo à Sua glória e servi-Lo fielmente...

O pecado é o único mal que o homem tem a recear...

A morte é inevitável e, desse momento supremo, depende a minha eternidade feliz ou desgraçada...

Como religiosa, devo imitar mais perfeitamente Jesus Cristo e amá-Lo com mais dedicação. Devo amá-Lo com mais generosidade.

Estas verdades fortificarão a minha vontade para a reforma de vida que planeei.

2.º – Esperarei pelos inimigos da minha salvação e conservar-me-ei pronto para o combate. É uma ilusão crer que, depois do retiro, tudo me será fácil.

É preciso lutar:

Contra o *mundo*, porque a minha conduta estará em contradição com o seu espírito e as suas máximas. *Quia de mundo non estis, vos odit mundus...*(Jo. 15,19)

Contra o *demónio* que redobrará de esforços para impedir que eu salve a minha alma e contribua para a salvação dos outros...

Contra a *natureza*, em constrangimento durante o retiro e impaciente por recuperar mais liberdade. Se não lhe resistir com energia, far-me-á perder antes de muito tempo o fruto deste retiro...

II. Ponto - Para perseverar, desconfiança de nós mesmos e confiança em Deus

1.º - Uma grande desconfiança de nós mesmos.

Porque, sem Deus, nada posso. Por consequência, não devo apoiar-me: nem nas impressões salutares que experimentei durante o retiro..., nem nos meus bons desejos, nem na necessidade das minhas resoluções...

Que é que me diz a experiência? Que sou a própria fraqueza, a própria imprudência, a própria inconstância. Desconfiar de mim; vigiar os meus sentidos, os meus pensamentos, o meu coração; fugir de toda a ocasião voluntária que me expusesse ao mal... Não é preciso senão uma faúlha para atear um incêndio!... *Qui se existimat stare, videat, ne cadat* (Jo. 10, 12)

2.º - Uma plena e inteira confiança em Deus.

Ele prometeu estar comigo: *Ecce vobiscum suum omnibus dices usque ad...*

Os meus inimigos são os Seus e eu combaterei pelos Seus interesses, pela Sua glória... Ele não permitirá que eu seja tentado acima das minhas forças.

III. Ponto - Para perseverar, nunca desanimar, começar imediatamente, ser fiel nas pequenas coisas.

1.º - Nunca desanimar. Apesar da minha boa vontade e das minhas precauções, cairei ainda em muitas faltas! Mas levantar-me-ei logo e evitarei o desânimo, que é sempre mau porque não pode vir de Jesus e é-nos infalivelmente inspirado pela natureza ou pelo demónio.

2.º - Mostrar-me, logo depois do retiro, tal como eu devo ser toda a minha vida. E isto para glorificar a misericórdia e a bondade de Deus, reparar os meus escândalos, dar bom exemplo às minhas Irmãs.

3.º - Ser fiel nas pequenas coisas, é a condição indispensável da perseverança. Quem é fiel nas pequenas coisas, é-o também nas grandes, e quem despreza as pequenas coisas não tarda a cair em faltas graves.

Colóquio a Nosso Senhor, pedindo-Lhe, pelos Seus méritos, a graça de sermos fiéis a todas estas resoluções, a fim de vivermos para Ele e de morrermos em Seu santo amor.

FILHOS DE DEUS

1 - Nascidos de Deus.

Adoptado como filho, Moisés chamava à princesa “minha mãe”. Ela lhe respondia “meu filho”. A adoção legal valia-lhe o título de filho. Era-o na realidade? De modo nenhum. Porque nem a carne, nem o sangue ou a vida da mãe adoptiva tinham sido dados ao filho, que não apresentava sequer qualquer parecença com a sua pessoa. Aqui a comparação cessa. O que o poder de uma princesa não podia fazer de Moisés, um verdadeiro filho, Deus o faz efectivamente pela graça santificante.

“Vede, exclama S. João, que amor o Pai nos testemunhou, que somos chamados filhos de Deus e que o somos em espírito” (1Jo 3, 1). A graça santificante chama-lhe a semente de Deus (1Jo 3, 9). Expressão de um realismo que assombra, mas dum vigor notável: quem é a semente de uma pessoa? É o Seu filho.

Que se deve entender por esta filiação divina? É uma filiação natural? Não. Uma filiação puramente adoptiva? Não. Ela ocupa o meio termo entre uma e outra.

Filhos de Deus, nós o somos sem dúvida por adopção, porque Deus não tem senão um filho por natureza, por nascimento: a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Mas, quanto à nossa filiação divina, pela graça santificante, excede a adopção humana ou legal! O homem adoptando uma criança dá-lhe o seu nome, os seus títulos, a sua herança, mas não pode infundir-lhe o seu sangue. Deus não se limita a dar-nos um título e direitos à Sua herança, faz-nos participar da Sua própria natureza e da Sua própria vida. A graça santificante faz-nos, não do sangue humano nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus (*Jo 1,13*). Ela faz que sejamos filhos de Deus, não somente de nome mas de facto. A Deus, nós poderemos verdadeiramente chamar-Lhe não apenas o Pai, mas o nosso Pai. Somos os irmãos de Jesus e, juntos com Ele, diremos: Nosso Pai.

Filhos de Deus, que dignidade!

Eis como falava S. Pedro Crisólogo no princípio de uma instrução sobre a filiação divina: *“O que ides ouvir hoje, meus irmãos, é um motivo de estupefacção para os Anjos, de admiração para todo o Céu, de santo terror para a terra. É um mistério que excede a compreensão dos espíritos mais elevados e que enche de assombro toda a criação. Eu não ousa revelá-la, mas não posso calar-me...”*

O célebre Mac-Carthy pregava um dia sobre os efeitos admiráveis do batismo. Enquanto desenvolvia o pensamento de que o batizado se torna filho de Deus, parou de repente, fixou os ouvintes e exclamou como que saindo de um sonho: “*Ó meu Deus, que é que eu vejo? Onde estou? Os olhos do corpo dizem-me que tenho diante de mim comerciantes, funcionários, proprietários, operários, criados. Um é pobre, outro rico, um sábio, outro ignorante. Mas os olhos da alma, iluminados pela luz da fé, não me mostram senão príncipes e princesas de sangue*” e, inclinando-se profundamente, arrematou: “*Em nome do Pai celeste, ofereço-vos as minhas respeitadas homenagens*”.

Luísa, filha de Luís XV, rei da França, foi repreendida por um dos seus servos. Impacientada, respondeu: “*Não sou eu a filha do vosso rei?*”. – “*E não sou eu a filha do vosso Deus?*” A altiva princesa compreendeu. Mais tarde, tornada carmelita, pensou muitas vezes nesta réplica frisante.

Um dia, diz-nos o Evangelho, vieram avisar o Salvador de que Sua Mãe e Seus irmãos desejavam falar-Lhe. E Ele replicou: “*Quem é Minha mãe, quem são Meus irmãos?*” Depois, estendendo as mãos sobre os seus discípulos, disse: “*Eis Minha mãe, eis os meus irmãos, porque todo aquele que faz a vontade de Meu Pai que está nos Céus - quem está em estado de graça - esse é Meu irmão, Minha mãe, Minha irmã*” (Mt. 12, 49-50).

Palavras estupendas! O Salvador põe o parentesco espiritual, pela graça, acima do parentesco do sangue.

Santo Agostinho declara que a maternidade divina não teria servido de nada a Maria, se, por impossível, ela não tivesse possuído a graça santificante. Pode-se fazer um elogio mais belo deste obrar divino?

Filhos de Deus, não pensamos bastante que Deus nos ama. O Pai eterno tem um Filho único, igual a Ele em tudo. Devia bastar para as Suas ternuras... Não, Ele quer escolher outros porque o Seu amor é infinito. De nós, de quem é o Senhor, torna-se também Pai. Estende a nós a bondade que tem por Seu Filho único. Que amor!

Este amor não é, como muitas vezes o nosso, um amor estéril. Não, quer-nos bem e no-lo faz: em Deus, querer é agir. Pensa em nós sem cessar, ouve as nossas preces, satisfaz os nossos desejos realizáveis, afasta de nós os perigos, sustenta a nossa fraqueza, dissipa a nossa ignorância, provê às nossas necessidades, rodeia-nos de uma rede de atenções e de prevenções de que só é capaz o verdadeiro amor. Deus dispõe

tudo para nosso bem: acontecimentos, objectos e pessoas, alegrias e provações, prosperidades e revezes: tudo para os eleitos. Vede que amor!

Muitos consideram a Deus como um ser frio e duro, severo e exigente, espiando todas as ocasiões de nos encontrar em falta. Deus é mais inclinado a desculpar as nossas fraquezas do que a exagerá-las, a perdoar as nossas faltas do que a castigá-las. Sabe melhor do que ninguém de que barro fomos tirados. Conhece a nossa fragilidade, as nossas dificuldades, a corrupção da nossa natureza, as más inclinações contra as quais temos de lutar, as ocasiões e os escândalos que pululam em torno de nós. Deus é mais propenso a lastimar-nos, e até a desculpar-nos, do que a condenar-nos implacavelmente. Deus vê de mais alto do que os homens e alcança mais longe. Porquê? Porque é infinitamente melhor que os homens, mais indulgente, perdoando muitas vezes onde os homens condenam.

Muitos sofrem de não serem amados e de não poderem amar tanto quanto desejam. Porque o amor é uma necessidade do coração humano. Que eles pensem que, pela graça santificante, se pode encontrar em Deus o que as criaturas são incapazes de fornecer. Que alegria saber que Deus nos ama mais que um pai ou uma mãe ama o seu filho, e que podemos amar a Deus com a ternura do filho para com seus pais. Muitas almas amam a Deus. Poucas pensam e sentem que Deus as ama eternamente. E, contudo, o Evangelho que nos obriga a amar a Deus, fala pouco do amor que temos por Ele, mas muito do que Ele tem por nós. Pelo que nos diz respeito, afirma S. João, *“acreditamos no amor que Deus tem por nós”*. (Jo 4,16). Reformemos as nossas ideias. Pensemos muitas vezes que Deus, nosso Pai, nos ama.

2 - A vontade do Pai.

Deus é nosso Pai. Como o filho, de olhos fechados, se lança nos braços do pai, devemos abandonar-nos a Ele, submeter-nos em tudo à Sua vontade. É este abandono filial que caracteriza, ou antes, que faz os santos.

O santo “Cura d’Ars” comprazia-se em dizer que toda a sua espiritualidade consistia em considerar a Deus como um bom Pai e em tratar com ele como um verdadeiro filho.

A Pequena Via da Infância Espiritual de Santa Teresa do Menino Jesus é, porventura, outra coisa senão este abandono!?!... Que quereis então ensinar às almas... – *“Minha Mãe, é a via da infância espiritual, é o caminho da confiança e do abandono*

filial”. Um dia, uma noviça, ao entrar na sua cela, parou impressionada com a expressão toda celestial do rosto de Teresa. “*Em que estais a pensar?*” – perguntou-lhe a noviça: “*Medito no Pai-Nosso*”- respondeu a Santa. “*É tão bom chamar ao bom Deus, nosso Pai!*...” E brilhavam-lhe lágrimas nos olhos. Estes episódios resumem a sua vida e a sua santidade.

1 - Como submeter-nos? Que fazer para isso?

a) - Cumprir o que Deus nos manda: observar os mandamentos de Deus e da Igreja e os nossos deveres de Estado. Estes deveres de estado, muitas vezes nós os amamos tão pouco! São tão monótonos, às vezes tão humildes e tão penosos. Preferimos ter o que não temos, estar onde não estamos. Queremos mandar. Aceitemos o nosso estado, santifiquemo-lo. Fazer as coisas ordinárias com uma perfeição não ordinária é a divisa que fez de João Berchmans um santo.

b) - Aceitar os males que Deus envia ou que Ele permite.

Aceitemos os males físicos: doenças, intempéries, calor e frio, velhice, privações, perda de honra, de bens, de pais, parentes, amigos; defeitos corporais e espirituais, falta de inteligência, de habilidade, de jeito, de critério, de gosto, de coração, imperfeições que nos tornam inferiores e desagradáveis aos outros, mas que fazem resplandecer a Bondade divina e são muitas vezes um bem para nós. “*Eu antes quero ser um verme da terra por vontade de Deus, do que um serafim por minha própria vontade.*” Assim disse o Beato (?)²³.

Aceitemos a esterilidade dos nossos trabalhos, os nossos insucessos, o esquecimento ou a incompreensão dos nossos superiores, a ingratidão daqueles a quem prestámos algum serviço e que nos pagam o bem com o mal.

Aceitemos o mal moral (pecado): injustiças e perseguições dos homens, calúnias e maledicências, as nossas faltas passadas que, longe de nos desanimarem, devem aumentar a nossa confiança.

2 - Porque nos havemos de submeter?

a) - Porque Deus é Pai.

Pai onipotente, pode fazer tudo o que quiser, tirar tudo o que nos contraria. Pai infinitamente sábio, sabe melhor do que nós o que nos convém. Nós não vemos senão

²³ Palavra imperceptível.

um lado da medalha, Ele vê os dois lados: o presente e o futuro. Pai infinitamente bom, o melhor dos pais, mesmo quando nos prova.

Há alguns anos, um inglês queria partir para a América. No momento de embarcar partiu uma perna e teve de renunciar à viagem. Os amigos dele lamentam-se; ele responde: *“O que Deus faz é bem feito”*. No dia seguinte soube-se que o navio se tinha afundado com todos os passageiros. *“Vede! - diz o inglês aos seus amigos, o que Deus faz é bem feito”*.

Frederico, rei da Prússia, tinha calculado que os pardais devoravam, no seu reino, dois milhões de moios de trigo por ano. Prometeu uma recompensa por cada cabeça de pardal que lhe apresentassem. Todos os prussianos se fizeram caçadores. Passado algum tempo, já não havia pardais nesse país. Mas no ano seguinte os gafanhotos destruíram as colheitas. Frederico fez cessar a guerra aos pardais. O que Deus faz, está bem feito.

b) - A submissão é uma fonte de paz e de felicidade.

A felicidade consiste em se possuir tudo o que se deseja. Ora, o homem resignado quer o que Deus quer e quere-o sempre.

Tem sempre o que deseja, está sempre contente, tem o céu sobre a terra.

Pelo contrário, que sucede ao homem revoltado contra a Providência? Está descontente porque os seus desejos são contrariados e não lucrará nada, porque acontecerá, apesar de tudo, o que Deus quer e não o que quer o homem que murmura. Fala-se, na vida dos Padres, dum lavrador mais feliz do que os seus vizinhos. Quando lhe perguntavam a razão disso, respondia: *“Não vos admireis: É que tenho sempre o tempo que desejo”*. – Impossível. - *“Eu não desejo nunca outro tempo senão aquele que Deus manda. É por isso que Deus me dá sempre a seara que desejo”*. Quando a prova vier, ou o sofrimento, digamos obrigado a Nosso Senhor. Será belo, será filial. Será também muito filosófico. Porque, note-se bem, façamos o que fizermos, não evitaremos essa provação. Se nos queixamos, se nos lamentamos, tomamos o caso sob o seu pior aspecto e sofremos mais. Ao passo que, se aceitamos o sofrimento de sorriso nos lábios, aumentamos a nossa resistência, as nossas forças e sofremos menos.

c) - A resignação é uma fonte de méritos.

Porque é o sacrifício mais perfeito, mais agradável a Deus, portanto o mais meritório. O homem não se apega a nada tanto como à sua vontade própria: pela resignação imola esse bem à vontade divina.

É um sacrifício divino, a deificação da nossa vontade ou, para melhor dizer, a habitação da vontade divina em nós. Eis o ponto culminante, o resumo de toda a perfeição.

Em que consiste a perfeição? Muitos colocam-na onde ela não está: no grande número de práticas de piedade, nos cilícios, nas disciplinas, jejuns, na libertação das tentações, etc... A perfeição consiste na caridade: Sobre todas as coisas, tende a caridade que é o vínculo da perfeição (*Col 3,14*).

Ora, a submissão ao Pai celeste não é a última palavra da caridade? É amar a Deus, é unir a própria inteligência e a própria vontade à inteligência e vontade divina; é submettermo-nos, abandonarmo-nos totalmente a Ele.

Muitos se queixam sob pretexto de zelo: “Estou doente, tenho de estar de cama, é-me impossível ir à Igreja, rezar, fazer seja o que for”. Nessa situação, como em qualquer outra, podemos fazer obra divina, a vontade de Deus.

S. Francisco de Assis, doente, conservava a alegria sem o menor queixume. A um religioso que o aconselha a pedir a Deus a sua cura, responde: *“Meu irmão, é por simplicidade que falas assim; se não fosse isso, não queria tornar a ver-te”*. Santa Ludovina de Schiedam feriu-se, aos 15 anos, dando uma queda no gelo. Em seguida a esse desastre esteve 38 anos gravemente doente. Noite e dia foi torturada por sofrimentos atrozes e, contudo, continuou a dizer: *“Se, recitando uma Avé-Maria, pudesse curar-me, não o faria e até nunca desejaria a minha cura”*. Santa Gertrudes recitava 365 vezes por dia esta oração: *“Seja feita a Vossa vontade!”*. E Deus dando-lhe um dia a escolher a saúde ou a doença, recebeu dela esta resposta: *“Desejo ardentemente, Senhor, que não façais a minha vontade mas a Vossa”*. S. Felix de Cantelária era um bom religioso que vivia em Roma. Submisso à vontade do Pai celeste, estava sempre contente. Sem cessar, tinha sempre nos lábios estas palavras: *Deo gratias! Obrigado meu Deus!* Assim, do ponto mais distante donde o avistassem, os rapazinhos de Roma corriam para ele: *“Olha o irmão Deo gratias!”* - diziam. “Bom dia, Irmão *Deo gratias!*” Provera ao Senhor que houvesse sempre no nosso Instituto muitas Irmãs *“Deo gratias”*...

História de Jesus.

Se quisermos mudar os nomes e a época, evoquemos a história dum viva, ou falecida, cuja resistência à vontade do Pai (?)²⁴ toda a sua vida. Melhor ainda, evoquemos outra, sempre feliz e contente porque submissa à vontade do Pai.

²⁴ Palavra imperceptível.

A MISSA

Que é a Missa ?

“*Nada há maior no mundo do que Jesus Cristo*”, diz Bossuet, e não há nada maior em Jesus Cristo do que o seu Sacrifício. “A Missa, afirmam os Santos, difere tanto das nossas pequenas práticas de piedade como uma lâmpada minúscula difere do sol”.

O sacrifício da Missa é o mesmo que o da cruz: é o mesmo sacerdote, a mesma oferta. Não há diferença senão na maneira como é oferecido.

1. - O mesmo sacerdote. Na consagração, o padre que vemos ao altar toma nas suas mãos o pão, e o cálice com o vinho. Ele não diz: Isto é o corpo de Jesus Cristo, Isto é o sangue de Jesus Cristo. Ele diz: “Isto é o Meu corpo. Isto é o Meu sangue”. Que é que faz? Empréstas as suas mãos e a sua boca a Jesus; é o Seu ministro, o Seu representante, o Seu instrumento. O padre verdadeiro, o principal, é o próprio Jesus Cristo. No sacrifício da Missa e no da cruz, um só e o mesmo padre, Jesus Cristo.

2 - A mesma vítima ou oferta. Quem é oferecido no Calvário? Jesus Cristo. No altar? Jesus Cristo. No sacrifício da Missa e no da cruz, uma só e a mesma oferta, Jesus Cristo.

Nos dois sacrifícios, o mesmo padre, a mesma oferta. Que concluir? Que o sacrifício da Missa é essencialmente o mesmo que o da cruz.

3 - Diferença na maneira de oferecer. Sobre a cruz, Jesus Cristo derramou o Seu sangue; tendo-se separado a alma do corpo, produziu-se a morte. No altar, não há efusão de sangue porque, depois da sua Ressurreição, o corpo de Jesus Cristo é impassível. Mas há separação mística do corpo e do sangue; porque as palavras de uma dupla consagração constituem o seu corpo e o seu sangue separadamente, sob as espécies do pão e do vinho. Sobre a cruz, é oferecido de maneira cruenta; na Missa, de maneira incruenta. Não existe entre os dois sacrifícios senão uma diferença accidental.

Qual o valor da Missa?

Como o sacrifício da cruz, é de valor infinito. A aplicação, é verdade, não se faz na ordem estabelecida pela Providência senão de um modo finito.

Porque é que tantos cristãos não pensam na excelência deste sacrifício?

Porque não compreendem a palavra sublime de Bossuet: “*Nas nossas Igrejas é todos os dias Sexta-feira Santa*”. Como esta verdade elementar, aprendida nos bancos do catecismo, é bela, forte, vivificante. Como faz bem meditá-la muitas vezes.

Fins da Missa

Oferece-se o sacrifício da Missa:

1 - Para adorar a Deus: sacrifício latrêutico.

Deus é o Criador e o Supremo Senhor. Devemos adorá-Lo. Na Missa, é Cristo que se imola por nós e, em nosso lugar, adora a Deus. A Missa é uma adoração de valor infinito.

Imagine-se uma bênção solene do Santíssimo Sacramento na Basílica de S. Pedro de Roma. Oitenta mil fiéis estão ajoelhados. O Papa, com o seu cortejo de Cardeais, preside à cerimónia. Ouvem-se orações e cânticos comoventes. A solenidade termina com uma procissão Eucarística na Praça de S. Pedro, no meio de um entusiasmo geral. Juntem-se-lhe, com excepção da Missa, as cerimónias religiosas de todos os Congressos Eucarísticos, de todas as assembleias católicas. Juntem-se-lhe ainda a morte de todos os mártires, as virtudes de todos os confessores e das virgens, os louvores de todos os Santos e de todos os Anjos, e da Rainha do Céu. Ao lado, colocai uma Missa, uma só, oferecida em qualquer parte, numa capela solitária de missão. Essa Missa rezada causa em nós menos impressão que uma procissão solene, mas dá a Deus uma homenagem incomparavelmente maior. Porquê? Porque na Missa é Jesus Cristo, o Homem-Deus, que se oferece a si próprio ao Pai celeste.

2 - Para agradecer a Deus os seus benefícios: sacrifício eucarístico.

Deus cumulou-nos de benefícios sem número na ordem da natureza e da graça. Devemos dar-Lhe graças por isso. Na Missa é Jesus que se imola por nós e, em nosso lugar, agradece a Deus. A Missa é uma acção de graças de valor infinito.

3- Meio de satisfazer pelos nossos pecados: sacrifício propiciatório.

Temos ofendido a Deus, devemos pedir-lhe perdão, expiar os nossos pecados e as penas temporais. Na Missa é Cristo que se imola por nós e, em nosso lugar, dá satisfação a Deus. A Missa é uma expiação de valor infinito. Decerto, Cristo não expia na realidade os nossos pecados e as nossas penas, porque é impossível; mas, pela Missa, aplica as satisfações infinitas do sacrifício do amor.

A Missa não satisfaz só por nós, mas também pelos outros fiéis e pelas almas do Purgatório.

Nos nossos dias o pecado inunda a terra, a impiedade e a imoralidade invadem tudo. Porque é que Deus não nos castiga? Porque todos os dias, a toda a hora, o Filho de Deus, imolado sobre o altar, aplaca a cólera de seu Pai e desarma-lhe o braço prestes a ferir. Inumeráveis são as faúlhas que saem das chaminés dos navios. Mas essas faíscas não provocam incêndios. Caem no mar e o mar apaga-as. Inumeráveis são os crimes que todos os dias sobem da terra e, diante do trono de Deus, clamam vingança. Mas, pela força reconciliadora da Missa, são lançados no mar da misericórdia divina e ficam impunes.

Existe na Itália um quadro comovente. Representa um padre a oferecer o Santo Sacrifício. Por cima dele pairam quatro Anjos, de trombeta na boca. Estão prestes a anunciar o juízo final aos quatro pontos cardiais. Mas eles esperam o fim dessa Missa, a última do último padre existente sobre a terra. Porque então a cólera de Deus não poderá ser aplacada, o fogo da vingança precipitar-se-á sobre o mundo. Esse quadro não é uma expressão frisante da eficácia da Santa Missa como sacrifício propiciatório? *“Se a Missa não existisse, diz S. Leonardo de Porto Maurício, há muito que o mundo teria sido esmagado sob o peso dos seus crimes.”*

Como é que a Missa perdoa os pecados mortais?

Directamente, como a contrição perfeita e a confissão? Esta une intimamente, alcançando-nos a graça da contrição perfeita e de uma boa confissão.

Como é que ela perdoa os pecados mortais?

“Indirectamente, obtendo-nos a graça da contrição, pelo menos imperfeita, que basta para a remissão dos pecados veniais”. Os pecados veniais derretem-se na Missa como a cera diante do fogo. *“Por um só Pai-Nosso recitado do fundo do coração e com uma contrição pelo menos imperfeita, expiam-se os pecados veniais de um dia; quantos mais se expiarão por meio da Missa!”*. (S. Agostinho).

Como é que ela perdoa as penas temporais?

Directamente. Deus aceita directamente a Missa em pagamento da pena temporal devida ao pecado, nesta vida ou na outra.

A Missa satisfaz pelas Almas do Purgatório. *“Quando se diz a Missa, numerosas almas saem do Purgatório”*. (S. Jerónimo)... *“Os Anjos descem do Céu,*

voam em direcção à prisão do Purgatório e abrem-na” (S. João Crisóstomo)...
“Enquanto se diz Missa por um defunto, o fogo que o atormenta suspende a sua energia” (S. Gregório).

A vida do Cura d’Ars fala de um sacerdote que soube, por meio de revelação, que uma alma a quem ele muito queria estava ainda no Purgatório. Dirigia-se a Deus, depois da consagração, nestes termos. “*Senhor, façamos uma troca! Vós tendes essa alma no Vosso Purgatório. Mas eu tenho Vosso Filho nas minhas mãos. Dai-me essa alma em troca do Vosso Filho*”. E a alma libertada apareceu-lhe então.

4 - Para pedir as graças de que temos necessidade: sacrifício impetratório.

Nós precisamos de graças numerosas para a alma e para o corpo, para nós e para os outros. Na Missa, é Cristo que se imola por nós e que ora em nosso lugar. A Missa é uma oração de valor infinito.

Que desejamos para nós, para a nossa alma? Para o nosso corpo? Para os nossos negócios e para as nossas empresas?

“*Aquele que ouve devotamente a Missa é bem sucedido em tudo, nesse mesmo dia*”. (S. João Crisóstomo). S. Filipe Nery costumava celebrar a Missa antes de toda a empresa importante, estando certo do bom resultado. “*A Missa obtém mesmo favores temporais aos pecadores que não querem converter-se*”.

Que desejamos para os nossos pais, parentes, amigos, benfeitores, para a Igreja, para os nossos superiores, para a nossa freguesia, para a pátria, pecadores, infiéis, agonizantes?

Peçamo-lo durante a Missa “*O que não alcançardes durante a Missa, dificilmente alcançareis noutra ocasião*”. (S. João Crisóstomo).

A Igreja deseja que os fiéis assistam à Missa de semana, e até todos os dias, se for possível.

Porque é que o deseja?

Porque a Missa é a renovação do sacrifício da cruz, porque ela é o melhor meio de prestar a Deus o culto que lhe é devido.

Objecta-se. “*Eu não sei rezar*” - Ide à Missa. Jesus rezará por vós. A Vossa oração será a oração onnipotente de Jesus.

Perguntais: “*Morrerei em estado de graça?*” - É uma questão que sobreleva a todas as outras. Se não morreredes assim, então nem orações, nem boas obras, nem

mortificações, nem a santa Missa, depois da vossa morte servirão de nada. Onde a alma cai, aí ficará. Tereis uma boa morte? Sim, se rezardes. Aquele que reza morrerá certamente em estado de graça.

E que oração é mais poderosa do que a da Santa Missa?

É nela que Jesus, em nosso lugar, implora para nós a perseverança final. É nela que nos aplica os méritos da sua morte sobre a cruz.

Essa oração, dizei-me, poderá ficar sem ser ouvida?

A Igreja deseja que os fiéis assistam à Missa durante a semana, mesmo todos os dias, se for possível.

“É uma perda de tempo”, diz-se às vezes. Não, é perda de um tesouro precioso não se assistindo a ela.

Que faremos, faltando voluntariamente à Missa, mesmo a uma só?

Privamos a Deus de uma adoração e de uma acção de graças infinitas. Privamos o Céu de uma alegria imensa. Privamos a Igreja de poderosos auxílios, os nossos parentes e amigo de inumeráveis graças, as almas do Purgatório do alívio e da abreviação das suas penas. Privamo-nos a nós mesmos de grandes méritos, da remissão dos nossos pecados e das nossas penas temporais, e de toda a sorte de bem para a alma e para o corpo. “Ouvindo uma só Missa, diz S. Bernardo, podemos merecer mais que aquele que empregou toda a sua fortuna em aliviar a miséria dos pobres, mais que aquele que fosse em peregrinação até às extremidades do mundo e que visitasse com a maior devoção os santuários de Roma e da Terra Santa”. Suponhamos que nos dizem: “Na nossa Igreja paroquial acaba de se descobrir uma mina de ouro; todas as manhãs podeis ir lá buscá-lo às mãos cheias, durante meia hora”. Um único paroquiano faltaria ao apelo? Ora uma só Missa tem mais valor que todo o ouro do mundo. Os cristãos sabem-no. E, com razão podemos perguntar cheios de admiração, como é que eles ser tão incoerentes.

Assistência à Missa.

Qual é a melhor maneira de ouvir Missa?

É unir-se com a intenção ao sacerdote e seguir atentamente tudo o que se faz no altar, sobretudo durante as partes principais da Missa.

Sigamos, num livro, as orações que o sacerdote recita no altar.

Ou então meditemos na Paixão do Salvador, pois a Missa é o mesmo sacrifício que o da cruz.

Ou ainda, ofereçamos a Missa pelos quatro fins para os quais ela foi instituída: do princípio ao ofertório, para **adorar a Deus** (fim latrêutico); do ofertório à consagração, para **dar graças** a Deus pelos seus benefícios (fim eucarístico); da consagração à comunhão, para **obter a remissão** dos nossos pecados e das penas temporais (fim propiciatório); da comunhão até ao fim, para **alcançar novos benefícios** (fim impetratório).

Quem for menos instruído, recite o terço (sobretudo os mistérios dolorosos) ou outras orações vocais. Os frutos da Missa não se medem pelos métodos empregados, mas pelo fervor das nossas orações. Em todos os casos, é mais perfeito comungar durante a Missa.

Para muitos, a Missa é um simples exercício de devoção. Ela deveria ser, sobretudo, um exercício de oblação. Na Missa, Jesus Cristo, nosso chefe, é sacerdote e vítima; nós seus membros, somo-lo com Ele. Ele, sacerdote principal; nós, sacerdotes secundários. Ele, vítima principal; nós, vítimas secundárias. Jesus e nós, sacerdote completo, vítima completa. Voltado para o altar, o sacerdote visível sabe que fala em nome de todos os assistentes. *“Recebei, Santíssima Trindade, esta oblação que nós Vos oferecemos... Nós Vos suplicamos, Senhor, que aceiteis de bom grado esta oferta dos Vossos servos”*. Membros de Cristo, nós colaboramos activamente no sacrifício. A Missa tem um carácter iminentemente social.

Ao *“Orate fratres”*, voltando-se para o altar, o sacerdote, visível, não diz: *“Rezai, meus irmãos, para que o meu sacrifício que é também o vosso...”*? A vítima da Missa é Jesus, mais o sacerdote visível, mais nós. Se somos vítimas, devemos ser sacrificados. Como é que sucede isso? Oferecendo-nos a Deus e, morrendo para nós mesmos, para os nossos pecados, para os nossos vícios, para as nossas paixões, para tudo aquilo que em nós desagrade a Cristo, nosso Chefe. Ouçamos o autor da *Imitação de Cristo*. *“Eu me ofereci, diz Jesus, de boa vontade, a Deus, pelos vossos pecados, com as mãos estendidas e o corpo nu sobre a cruz, de modo que nada ficou em mim que não tivesse sido oferecido neste sacrifício da vossa reconciliação com Deus. Assim vós deveis oferecer-vos de boa vontade a Mim, todos os dias, na Missa, em oblação pura e santa de vós mesmos, com todas as vossas potências, com todos os afectos do vosso*

coração, e tão intimamente quanto nos for possível”. (Im.4, 8). Assistir à Missa, na qualidade de membro vivo de Cristo, é consagrar-se a Deus, é mortificar-se, não só durante a Missa mas também no intervalo que separa uma Missa da outra.

A Comunhão

Efeitos da Comunhão.

Jesus Cristo, na última ceia, depois de ter amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim (*Jo13, 1*), isto é, até à instituição da Eucaristia. Neste “Augusto Sacramento”, Ele esgotou, por assim dizer, as riquezas do seu amor. Ele, que é onnipotente, não pôde dar mais. Ele, que é infinitamente sábio, não soube dar mais. Ele, que é infinitamente rico, não teve receio de dar ainda mais.

Como são preciosos os efeitos de uma boa comunhão!:

1 - Ela une-nos a Jesus.

“Aquele que come a minha carne, disse Nosso Senhor, e bebe o meu sangue, permanece em Mim e Eu nele (Jo. 6, 56).

De resto, a palavra **comunhão** não significa “união comum”?

Como é que ela nos une a Jesus?

Entre as criaturas existem muitos graus e formas de união. União entre dois amigos pelos laços da amizade, pela concórdia das vontades. União entre os pais e os filhos, entre os irmãos e as irmãs, pelos laços de sangue. União entre os esposos cristãos, pelos laços sobrenaturais e indissolúveis do sacramento do matrimónio.

É assim que a comunhão nos une a Jesus? Não. Ela fá-lo de maneira mais íntima.

Então como? Como a comida se une à pessoa que dela se alimenta. O bocado de pão que metemos na boca desce ao estômago e então esse pão, dissolvido e digerido pelo órgão, une-se intimamente à nossa substância e transforma-se nela. Esse pão já não é pão, é a nossa carne, o nosso sangue, somos nós mesmos. Assim, é que a comunhão nos une a Jesus. *“A minha carne, declara Ele, é verdadeiramente uma comida e o meu sangue é verdadeiramente uma bebida”. (Jo 6, 55).*

Sem dúvida, na comunhão não é o Seu corpo e o Seu sangue que se mudou na nossa substância, porque Jesus é impassível e a substância superior não se muda na substância inferior. Mas a mudança opera-se. Nós próprios, em outro sentido, somos

transformados Nele. Santo Agostinho ouviu uma voz do Céu que lhe dizia: *“Não sou Eu que me mudarei em ti, como tu mudas os teus alimentos na tua carne, mas tu é que serás mudado em Mim”*. (Conf.7, 10). S.ta Madalena de Pazzi confessou um dia, depois de ter comungado, que tinha visto a sua alma unida a Deus e transformada Nele. *“Eu não sabia, acrescentava ela, se estava viva ou morta, no meu corpo ou fora do meu corpo, na terra ou no Céu: não via outra coisa senão Deus.”*

Na comunhão, podemos dizer como S. Paulo: *“Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”* (Gal 2,20).

Sem dúvida, a comunhão não nos une a Ele de maneira que dessa união resulte uma só pessoa (o homem seria Deus); mas, feita essa reserva, é impossível imaginar entre dois seres uma união mais íntima que a da comunhão.

“Como dois banhos de cera derretidos juntos, diz S. Cirilo de Jerusalém, não fazem senão um, assim aquele que comunga está de tal modo unido a Jesus que Jesus está Nele e ele em Jesus”. – *“Pela comunhão, nós somos misturados com Cristo,”* declara S. João Crisóstomo.

2 - Ela une-nos uns aos outros.

“Nós formamos um só corpo, sendo muitos; porque participamos todos de um mesmo pão”. (1Cor 10, 17). O Concílio de Trento chama à comunhão *“um sinal de unidade, um vínculo de caridade, um símbolo de paz e de concórdia”* (13, 7). A comunhão igualiza a humanidade: *“Eis que está preparada a mesma mesa para o imperador vestido de púrpura e para o indigente que reclama uma esmola”*. (S. João Crisóstomo).

3 - Acrescenta a graça santificante.

Ao mesmo tempo, a comunhão aumenta as virtudes sobrenaturais: virtudes teologais da fé, da esperança e da caridade, sobretudo da caridade, visto que o fim especial deste sacramento é o amor de Deus e do próximo. As virtudes e os dons do Espírito Santo. S. Luís (?)²⁵ diria que, quando tinha frio, muitas vezes a comunhão lhe comunicava calor. A alma e o corpo faziam-lhe então o efeito de uma fornalha ardente, tão viva era a caridade que experimentava depois de ter comungado.

Todos os sacramentos, recebidos em estado de graça, têm a missão de aumentar a graça santificante, as virtudes e os dons, mas, em primeira linha, a comunhão, que não

²⁵ Palavra imperceptível.

traz apenas um pouco mais de graça santificante mas nos une, durante algum tempo, ao próprio autor da graça. Comungar é beber a graça santificante, não numa derivação, num regato, mas na fonte. O pelicano, como diz a lenda, abre o peito para alimentar os filhinhos com o próprio sangue. Assim Jesus olhou em torno de Si, procurou por toda a terra, e, não tendo encontrado nada que pudesse convir aos Seus filhos, abriu o Seu coração divino e disse-lhes: *“Comei, isto é o Meu corpo; bebei, isto é o Meu sangue”* Comungar é comer e beber a Jesus, é comer e beber a vida.

A comunhão aumenta a nossa glória eterna, porque, no Céu, a glória corresponde exactamente ao grau de graça santificante sobre a terra.

Perguntar-se-á: Qual é a mais meritória de todas as boas obras?

É a comunhão. Colocarei num prato da balança todas as orações, mortificações, obras de caridade, praticadas num dia, numa semana, num mês; colcai no outro prato uma comunhão, uma só; bem feita. A balança penderá para o lado da comunhão. As outras boas obras são acções humanas, a comunhão é a acção divina, o próprio Deus. Todas as boas obras, comparadas com uma única comunhão bem feita, são grãos de areia em face de uma montanha.

4 - A comunhão perdoa os pecados veniais e as penas temporais.

Ela perdoa os pecados veniais de que estamos arrependidos, porque é um antídoto que nos livra das nossas faltas quotidianas. Ela perdoa as penas temporais, indirectamente, aumentando o fervor dos nossos actos de caridade. Quem será capaz de contar o número dos pecados veniais cometidos cada dia por pensamentos, desejos, palavras, acções, omissões? Quem dirá o rigor e a duração das penas temporais que essas faltas acumulam e que têm de ser espiadas nesta vida ou na outra?! Mas a comunhão tranquiliza-nos: ela perdoa os pecados veniais e as penas temporais.

5 - Ela preserva-nos dos pecados mortais.

Mitrídates, rei do Ponto, no receio de ser envenenado, tomava todos os dias um contraveneno. O remédio era tão eficaz que, quando procurou envenenar-se a si próprio, foi-lhe impossível conseguí-lo. É do mesmo modo que a comunhão nos fortifica. A Sagrada Escritura chama-lhe o Pão Vivo descido do Céu, a fim de que se coma dele e não se morra (*Jo 6, 50*) – *“O Concílio de Trento chama-lhe um antídoto que nos preserva dos pecados mortais”*. (13, 12).

6 - Ela enfraquece a concupiscência, as paixões.

Ela é chamada o “*Pão dos Anjos*”, não porque os Anjos comam desse pão - eles não têm corpo - mas porque a comunhão nos torna puros como os Anjos.

Uma mulher, doente havia doze anos, tocou na fímbria da túnica de Jesus. No mesmo instante ficou curada. Na comunhão não tocamos o Seu vestido mas comemos a Sua carne e bebemos o Seu sangue: como é que não havíamos de ser curados das nossas paixões? Uma mulher, havia dezoito anos, estava curvada, não podendo olhar para o alto. Jesus curou-a. Talvez que há muito tempo as nossas faltas e imperfeições nos pesem sobre os ombros a tal ponto que não nos permitam olhar bem para o Céu e gozar da doce intimidade de Jesus. Coragem! A comunhão, feita de ora em diante com mais humildade e com mais confiança, e com mais fervor, nos libertará desse peso que nos faz pender para a terra.

Dom Bosco, nos seus diferentes institutos, recolheu 200.000 crianças abandonadas; elas tornaram-se cristãos sólidos; 6.000 fizeram-se sacerdotes ou religiosos. Qual o segredo desta mudança? As crianças comungavam muitas vezes; a maior parte delas, duas vezes por semana, algumas, todos os dias. Mas não é preciso olhar para tão longe. Vós vos conservastes puras no meio das seduções do mundo. Qual o segredo dessa pureza? É a comunhão frequente.

7 - Ela é uma fonte de consolação espiritual.

Porque é o sacramento do amor. O nosso coração encontra nela a satisfação dos seus desejos e o alívio das suas penas. Santa Teresa, ao comungar, experimentava tantas consolações que a sua alma quase que se derretia de alegria e de amor. Muitas vezes, quando estava abatida pelas tentações e pelas provações espirituais, encontrava na comunhão a paz interior. Ela declara que, às vezes, os seus sofrimentos corporais se dissipavam; depois da recepção desse remédio celeste, eles eram como que varridos. “*Não há língua, diz S. Tomás, capaz de exprimir as doçuras deste Sacramento; na sagrada comunhão encontra-se a doçura na sua própria fonte.*”

8 - Ela dispõe os nossos corpos para uma ressurreição gloriosa.

“*Aquele que come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna e Eu o ressuscitarei no último dia*” (Jo 6, 55). Unindo-se aos nossos corpos na comunhão, Jesus Cristo depõe em nós o germe da vida e da glória; é um fogo que arde sob a cinza e que consumirá um dia tudo o que o pecado manchou em nós; não espera senão o sinal

das trombetas do juízo final para transformar, num momento, os corpos dos justos e torná-los semelhantes ao corpo glorioso de Jesus Cristo

Vencedor da morte, Jesus a vencerá também em nós; o seu corpo imortal nos fará imortais, como o germe que está na semente a faz germinar; como o calor, na água, a faz aquecer; como a faísca que cai sobre a palha, a abrasa. Jesus Cristo se ressuscitará a Si próprio na pessoa daqueles que O comungarem através dos séculos (S. Bernardo).

Como se deve comungar?

1 - Quais são as condições requeridas para comungar dignamente?

Estar em jejum, estar em estado de graça, ter recta intenção.

Que mais é preciso para comungar com fervor?

Preparar-se com cuidado e... fazer uma acção de graças conveniente, segundo as forças, a condição e os deveres de cada um. Antes da comunhão prepararmo-nos com cuidado.

S. Luís Gonzaga dividia em duas partes iguais o intervalo de uma comunhão à outra. Empregava a primeira na acção de graças pela comunhão recebida; a segunda, em preparar a comunhão seguinte.

É útil oferecer a Nosso Senhor, em cada comunhão, algum acto de mortificação, mas, antes de todo o acto de escolha livre, [deve estar] o cuidado dos deveres de estado. Durante a preparação próxima, meditemos na grandeza Daqule que vamos receber; façamos actos de fé, de humildade e de contrição, de esperança, de caridade e de desejo.

2 - Depois da comunhão façamos uma acção de graças conveniente. (S. Filipe de Nery.)

“Os momentos que se seguem à comunhão, diz Santa Teresa, são os mais preciosos de toda a vida. Imediatamente depois de termos comungado digamos a Nosso Senhor quanto somos felizes em O possuímos, gozemos da Sua presença, deixemos transbordar o nosso coração, enquanto encontrarmos nisso alguma consolação. Depois façamos actos de adoração, de agradecimento, de petição (expondo as nossas necessidades e, as do próximo), de oferecimento e de resolução (bom propósito). Não omitamos a oração: “Ó bom e dulcíssimo Jesus”.

Para cada um, o melhor método é aquele que lhe faz sentir mais gosto e que o leva a maior elevação. Contudo, como a monotonia gera a aridez, é útil mudar de tempos a tempos.

Repitamos que as comunhões são boas quando são feitas em jejum, em estado de graça e com recta intenção; fervorosas, enquanto se luta para corrigir, as imperfeições na preparação e na acção de graças; práticas, quando fazem que cumpramos melhor o que para nós exprime a vontade divina: os deveres de estado.

CONSELHOS ÀS SUPERIORAS

O Pe. Nicolau Lancizio, venerável, da Companhia de Jesus, escreveu um livro intitulado *Das condições duma boa superiora*, necessárias tanto para que seja amada pelas súbditas como para que elas cumpram, de boa vontade, as suas ordens, como ainda para que lhe abram a sua consciência sinceramente e tudo o mais que convém e, na religião ou na congregação, vivam e perseverem com alegria de espírito e proveito espiritual.

S. Gregório Papa: *Ars artium regimen animarum*.

Ciência, prudência, experiência, fidelidade. Necessidade das visitadoras. Convicção constante, na súbdita, da ciência suficiente da sua superiora para bem governar e, especialmente, para curar as doenças espirituais.

É necessário que as súbditas estejam convencidas da benevolência e benignidade das superiores para com elas.

S. Paulo: *viva affectione* - um dos grandes e graves males das criaturas humanas. Maior e mais grave nas superiores. Porque devem ser como mães.

S. Gregório: *Difficile est ut quamvis recta dimentionis, predicato, qui non diligitur, libenter audiatur*.

As súbditas, na vida religiosa, são filhas de Deus, que O servem por amor. São esposas. Com que amor e respeito as superiores as devem olhar e tratar. Para as dirigir tem de lhes ganhar a vontade.

Não basta a *recta* intenção e a prudência, são necessárias a mansidão e o amor. A superiora deve tratar as súbditas como irmãs mais novas, não como escravas, como criadas, com vara de ferro, com um modo de proceder não maternal, nem duro e severo, nem áspero e sacudido.

S. Inácio antes pedia do que mandava. Mostrava a sua benevolência com um sorriso. Velava para que não sucedesse que alguém trabalhasse mais do que podia. Filhos caríssimos, assim levavam a sua cruz com alegria e não gemendo. Apresentava muitas vezes as razões.

Além da maneira benigna e mansa de proceder para com as súbditas, devem procurar evitar que as súbditas tenham, a respeito delas, o conceito, a convicção justa de

que são mesquinhas. Por isso devem fornecer a todas o necessário quanto à comida, vestuário, cama, remédios.

Não é de esperar que as súbditas cumpram os seus deveres, se vêem que a superiora é parcimoniosa e recusa o necessário ou não acredita que elas precisam verdadeiramente do que pedem, e, quando pedem o que é não extraordinário mas ordinário e costuma ser concedido, lhes diz com má catadura e como que zangada: *“Pedir isso não é próprio de religiosas mas de pessoas intemperantes e sem espírito de mortificação; é a vossa imaginação e não a necessidade que vos leva a fazer esse pedido”*. Ou lhes diz outras coisas semelhantes. Assim não pode exigir delas com fruto a observância e a disciplina religiosa.

Até as súbditas, a quem nada falta, movidas pela compaixão daquelas, às quais nas doenças ou noutras coisas não se dá o que é necessário, esfriam no amor e na estima da Superiora.

No ministrar o que é necessário devem-se ter em linha de conta quatro coisas:

1.º - Não deve haver aceção de pessoas, parcialidade. Exemplo de Jesus: S. João e S. Pedro. Nem afeição particular. *Judicium durissimum fiat in iis qui praesunt...*(Sl. 6)

2.º - A superiora não trate de modo igual aquelas que têm necessidades desiguais, mas trate melhor aquelas que mais precisam, por exigirem maiores auxílios a idade, a fraqueza, a doença ou o trabalho.

3.º - Em certos casos é preciso atender não só à necessidade, em sentido rigoroso, mas também á honesta decência ou conveniência. Atende-se em razão não da pessoa mas do ofício ou ocupação. Por exemplo, uma Irmã professora de Moral no liceu. Atende-se não só ao necessário mas ao que é conveniente. O hábito pode ser de pano decente, não deve ser forçosamente de pano vil e grosseiro, nem convém. Não vivemos vida eremítica. Estamos em contacto com a sociedade. Vestuário de Jesus e de sua Mãe Santíssima. S. Efrém, diácono, e S. Basílio: língua de fogo saindo da boca deste.

Regras dadas por Nosso Senhor a Santa Maria Madalena de Pazzi para as suas súbditas, no governo da comunidade: *“Deves amá-las como templos do Espírito Santo.*

Deves condescender com elas quanto puderes, sobretudo quando pedem. Dar mimos às doentes para as (?)²⁶, embora não sejam necessários”.

4.º - Não esperar que as súbditas peçam o que precisam, mas antecipar-se ao seu pedido, inquirindo se têm o que é necessário, visitando as celas, observando as normas para ver se falta alguma coisa, não só indispensável mas até conveniente para justo conforto e alívio das súbditas.

S. Inácio ao Pe. (?)²⁷: “Tenho tanta afeição para com todos que gostaria de saber, se pudesse, quantas vezes uma pulga morde de noite cada um deles”. Jesus cobria, diz S. Clemente, os pés dos discípulos de madrugada com as roupas da cama, puxando-as para baixo, por causa do frio.

Não deve a superiora recear que, por causa destas suas liberalidades, a casa caia em miséria. Pelo contrário, a experiência prova que, quando as superiores são mais largas e mais generosas, as suas casa são às vezes presenteadas com grande abundância de Bem. Às vezes são um milagre.

Não se deve temer tanto a falta das coisas como o próprio temor dessa falta, (S. Francisco Villanova, S.J., superior duma comunidade, que a princípio não queria admitir pretendentes com receio de não ter com que os sustentar). Esse receio provém da pouca confiança em Deus. (Dr. Frazão, na conferência de S. Vivente de Paulo).

S. Leão, Papa, dizia que era esta devoção a que mais agradava a Deus, a devoção para com os pobres. As religiosas são as pessoas mais pobres; privaram-se de tudo pelo voto de pobreza.

S. Inácio ordenou ao procurador mesquinho da Casa PE Pôncio que comprasse lampreias que só os Cardeais e os Príncipes compravam. E disse que o fazia, não porque quisesse alimentar os seus com tão precioso alimento mas para corrigir a mesquinhez e dificuldade desse ecónomo em subministrar as coisas necessárias à comunidade.

Deus revelou ao Pe. Afonso Rodrigues que tinha mandado os demónios destruir com granizo a vinha duma casa religiosa, por causa da falta de confiança e mesquinhez do seu superior.

Deus enriquece os superiores liberais. Pe. Bernardino Realino, superior, mandava dar com abundância vinho aos operários que trabalhavam na casa e aos doentes de fora; gastou-se muito vinho, mas foi-se encontrar um túnel cheio dele,

²⁶ Palavra imperceptível.

²⁷ Palavra imperceptível.

chegando o vinho para muito tempo. À mesa, olhava a ver se faltava alguma coisa e, se algum dos Padres não comia uma iguaria, mandava logo cozer ou assar uma porção de carne boa que, por milagre, se cozia ou assava num instante, a tempo de poder ser comida antes do fim da refeição. Refeições abundantes e riquíssimas fornecidas pelos Anjos a alguns irmãos e pedido do Pe. Realino, com doces, vinhos, etc. Sem prejuízo da economia e da pobreza

O Pe. Baltazar Álvares mandava o PE Ministro ir para o quarto rezar, dizendo que era a primeira coisa que devia fazer, quando o via ansioso por não ter as coisas necessárias para o restante da comunidade. E sempre, quando saía do quarto, encontrava tudo o que era preciso, por meios prodigiosos, graças à fidelidade e confiança do superior para com Deus. Este chegou, com rendimentos exíguos e sem contrair dívidas, a sustentar 60 outros religiosos.

5º - A quinta coisa que concilia a benevolência para com as superiores é a maneira maternal de proceder para com as súbditas na correção e castigos dos defeitos, e noutras coisas ainda, como veremos.

S. Gregório Papa: *Rectorem subditos matrem (...)*²⁸, isto é, no corrigir e emendar os defeitos.

Para isso são necessárias muitas coisas.

1.º - A superiora não condenará nenhuma Irmã sem a ouvir primeiro.

Às vezes até os bons acusam inocentes movidos por zelo bem intencionado, por não terem compreendido bem o que se passou. É uma coisa que muito faz sofrer. S. Inácio exigia a acusação por escrito nas coisas de importância.

2.º - A superiora não admoeste nem corrija nenhuma Irmã enquanto se sentir excitada pela ira ou indignação. De contrário, embora diga coisas justas, a irmã atribuí-las-á à ira; se as disser com mansidão, a irmã será a primeira a condenar-se.

3.º - A superiora, nem antes nem depois da admoestação conserve ou pareça conservar indignação, aversão ou ressentimento contra a delinquente. Como os médicos que não se indignam contra os doentes mas tratam as doenças. Deve ver e ouvir a delinquente com o coração cheio de comiseração, mesmo ao castigá-la, odiando os defeitos e não a pessoa.

²⁸ Restante frase imperceptível.

Moisés amava os judeus como filhos, perdoava a ingratidão e o mal que lhe faziam, as injúrias, a tentativa de assassinato, rezava por eles, chorava e dizia: *“Senhor, se lhes perdoares, muito bem; se não, apagai o meu nome do livro que escrevestes”*.

Moisés procedeu assim sempre, durante 40 anos, na lei antiga que era a lei dos servos e a lei do temor. Quanto maior deve ser, na lei da graça, o amor das superiores para com as súbditas.

S. Gregório diz de S. Atanásio, louvando-o: *“Era tão bondoso e afável que todos se dirigiam a ele à vontade e sem receio nenhum; clemente, sem nenhum assomo de ira, cheio de compaixão, agradável nas palavras, mais agradável ainda nas maneiras, e manso e calmo no repreender”*.

Deve detestar os pecados e os vícios, mas ame e ajude os delinquentes enquanto vivem. S. Ambrósio diz que os pais não se indignam com as quedas dos filhos mas são movidos por essas quedas a compadecer-se deles. (Sl.2, 13)

S. Inácio, mártir, à hora da morte, a S. Policarpo: *“Não fazes favor nenhum em amar os bons discípulos; suporta com mansidão os que são piores que a peste”*.

Antónia, viúva romana, mulher de grande virtude e piedade, pediu com orações, sacrifícios e jejuns, desde a Ascensão até ao Pentecostes, um coração novo, idóneo para todas as virtudes. Visão de Cristo que lhe tirou o coração e deu outro. Desde então, já não via, como antes, com um zelo severo e duro, os pecados alheios, mas com um zelo manso, suave e brando, e temperado com benigna compaixão e amor para com os que pecaram.

S. Gregório Papa: *“Vera justitiae compassionem habet, falsa indignationem”*. O que incumbe principalmente aos superiores.

Deus não nos dá os Anjos do Céu como superiores. S. Paulo, Heb.5: *“Todo o superior é escolhido dentre os homens para que possa condoer-se dos que caem na ignorância e no erro. Porque também está cercado de fraqueza e miséria”*.

S. Gregório, a um abade: *“Na correção, ama as pessoas e persegue os vícios”*.

S. Boaventura: *“Aquele que, perturbado ou irado, repreender ou admoestar outro, parece fazer isso, antes movido pela cólera ou para mostrar e impor a sua autoridade, que por caridade e pelo zelo do próximo”*.

Da repreensão, quando necessária, esteja ausente toda a acerbidade e injúria de palavras; aliás, ela suscita não a emenda mas a indignação da delinquente.

4º - A superiora não deve mostrar impaciência na voz, no rosto, nas maneiras ou gestos.

Reprima o ímpeto do fervor. Responda *modesta* (com moderação) et *mature* (com prudência) et *benigne* (com bondade e afabilidade) a cada causa que lhe diga a súbdita. É o que diz S. Boaventura.

S. João Crisóstomo: “*Se reprenderes sem razões, serás temerário e ninguém te suportará*”.

Santo Agostinho: “*Tudo o que disseres com o espírito irritado, é impulso de querer castigo e não caridade de quem corrige: ama e diz o que quiseres*”.

S. Inácio nunca chamou parvo nem estúpido a ninguém, nem outra palavra injuriosa, nem chamava desobediente, indolente ou preguiçoso a quem censurava com mais severidade, mas expunha o mal feito com brandura. Faria isso por instinto de caridade e por ter domínio das paixões e para não ofender os filhos que Deus lhe tinha confiado.

S. Gregório: “*Nem se façam exasperar os súbditos com demasiada severidade, nem dê ocasião a que se relaxem com excessiva benignidade*”. “*Deve-se misturar a bondade com a severidade*”.

S. Gregório repreende um abade porque destruiu a regra do seu mosteiro, porque umas vezes tratava os que falavam, com bondade, outras vezes se zangava com eles de modo desordenado e excessivo.

Nosso Senhor a S. Maria Madalena de Pazzi, regra para a Mestra de noviças: “*Sejam as tuas obras todas feitas com tão grande mansidão e com acto tão humilde que pareçam magnetes que atraiam as criaturas para mim*”.

5º - Os superiores castiguem com discricção, quando há coisa justa e certa de castigar, de modo que não excedam a devida medida, quer no da pena, quer na duração, nem, embora justamente, castiguem seja quem for com o rosto furibundo.

S. Bernardo aos superiores: “*Procurai mais ser amado do que ser temido, e se às vezes for preciso usar de severidade, seja paternal e não tirânica*”. Quando há esperança de emenda sem castigo, nem sempre se deve castigar.

6º - É próprio do affecto paternal, com súplicas, lágrimas, expansão da benevolência paternal, e manifestação de confiança e de bom conceito a respeito do

súbdito, algumas vezes amar os filhos enfermos e não empregar sempre repreensões, castigos ou ameaças.

Pe. Baltazar Álvares: “Mostre o superior ter bom conceito dos súbditos e, a seu tempo, diga que aprova os seus actos ou serviços, e assim os governará suavemente.”

Pe. Cláudio, Superior Geral da Companhia de Jesus, fez vencer a tentação a um Irmão leigo, lançando-se-lhe os pés. Queria à força ir-se embora.

7º - Os pais, também com benefícios, induzem os filhos desobedientes ao cumprimento do seu dever, principalmente os mais prudentes.

S. João Crisóstomo diz: “Não devemos esquecer que os benefícios induzem mais que os castigos à observância dos preceitos”.

S. Inácio e o Padre Ministro Luís Gonçalves: doces mandados pela mãe - ordenou que os guardasse e que os distribuísse por dois irmãos dele, mais novos, de tempos a tempos, quando entrassem na companhia, para assim suportarem melhor o jugo da regra. S. Inácio aprovou que se dessem aos estudantes da Companhia alguns pequenos prémios para estudarem com mais diligência.

8º - Às vezes os superiores dissimulam renunciar ao seu direito para que, deste modo, levem a proceder melhor os seus filhos atrevidos.

S. Bernardo: *“Assim como nem tudo o que agrada é lícito; assim, nem tudo o que é lícito convém fazer logo”*.

S. Gregório: *“Os que governam não abandonem no rigor da disciplina a benignidade da mansidão”*.

Condescendência - Não obrigar sempre os súbditos a fazer o que devem, impedindo-os quase de respirar, embora se prefira a verdade e a justiça de Deus.

S. Bernardo, ao Abade de Clunny, que lhe escreveu pedindo consolação e auxílio contra os súbditos que o perseguiam, dizia que não fosse tão severo no governo, temperando o rigor de maneira que não desprezasse a salvação dos fracos. *“Convida-os a viver melhor a vida, mas não os forces”*.

Samuel, contrariado, ungiu Saúl rei.

Aarão cedeu ao povo que clamava contra uma ordem sua.

S. Inácio a um noviço alemão, tentado, dizendo que não podia cumprir a regra e que queria ir-se embora, deu-lhe toda a liberdade de descansar, dormir, passear, comer,

e de fazer o que quisesse, dispensando-o da regra e aconselhando-o a ficar mais algum tempo. Vencido pela caridade do superior, daí a pouco tampo caiu em si, envergonhou-se do seu procedimento e nunca mais teve a tentação de se ir embora, tornando-se um religioso exemplar.

S. Lourenço Justiniano encontrou alguns discípulos a dormir no jardim; avisou-os, mas sem fruto; depois guardou silêncio. Dizia que se devia empregar a maior prudência na correção, corrigir quando o delinquente estiver em estado de aproveitar. Dizia que não se devia estar sempre a repreender, que às vezes era preciso dissimular, e que não se devia corrigir no tempo em que a correção, por causa da má disposição do delinquente, mais pudesse prejudicar do que aproveitar. *Tempus est enim tacendi et tempus loquendi. (Ecl. 3, 7)*

A bondade e a afabilidade e zelo e espírito de sacrifício do Pe. Valeriano, S.J., em Roma, como confessor dos estudantes externos, atraiu multidões de jovens aos seus pés. Sempre alegre, sempre afável, louvando tudo, interpretando todas as acções em bom sentido, condescendente com todos.

Imbuído neste espírito de Santo Inácio, S. Francisco de Borja concedeu a um jovem que entrasse na Companhia e que tivesse um criado que o ajudasse a despir-se e a descalçar as botas; a outro, que, em vez da cela, tivesse um quarto espaçoso; a outro, que todos os dias mudasse de roupa. Pouco tempo depois, todos renunciaram a isso de envergonhados.

S. Anselmo e Orberno, jovem terminal: tolerou-lhe o que podia tolerar sem detrimento da ordem, transformou-o pela paciência e caridade e fez dele um santo.

9º - O superior, conhecida a queda do seu súbdito, que a deplora, console-o e anime-o, tratando-o com benignidade e imitando Nosso Senhor no acolhimento que fez à Madalena, à adúltera e a Simão leproso que chorava. Aconselhar sempre o delinquente a levantar-se todas as vezes que cair. Imitar a misericórdia de Nosso Senhor para com os pecadores que se arrependem sinceramente.

O pai do filho pródigo.

Concílio de Trento: “É necessário que os superiores governem os súbditos amando-os como seus filhos e como irmãos mais novos. Conseguir mais para com os que devem ser corrigidos a benevolência do que a austeridade, mais a exortação do que a ameaça, mais a caridade do que o poder”.

10º - Depois de o súbdito ter sido repreendido, e se for preciso castigá-lo, o superior proceda como se se tivesse esquecido dos seus defeitos e das suas faltas passadas, não manifestando, de modo nenhum, com qualquer sinal, que se lembra delas. Deus perdoa e esquece, por assim dizer, os nossos pecados. Não deve o Superior exprobrar depois ao súbdito as faltas passadas, lembrando-as perante ele ou perante outros.

O Pe. Eduardo Mercuriano, 4.º Geral da Companhia, dizia em carta aos Superiores: “Acautelem-se de dar aos súbditos ocasião de suspeitar que pensam mal deles ou que não confiam neles... na sua emenda!”

11º - Os súbditos estejam persuadidos de que o Superior aceita de bom grado os avisos necessários ou úteis dos outros e até os espera e procura”.

S. Gregório, falando dos superiores, diz que *“nenhum vive tão bem que, de algum modo, não peque”*.

S. Pedro aceita de boa vontade a repreensão de S. Paulo; David ouviu humildemente a censura dum seu súbdito. O superior mostre com a expressão do rosto e com palavras que aprecia e agradece os avisos e observações que os súbditos lhes façam. Assim fazia e assim recomendava o Pe. Baltazar Álvares, S.J. Assim pode ser auxiliado a bem governar.

12º - O Superior sofre com paciência as injúrias que lhe foram feitas pelos súbditos.

S. João Crisóstomo: *“O Superior está posto para ser dilacerado”*. Se não se mostrar paciente, não auxiliará o súbdito mas irritá-lo-á ainda mais contra si; com a paciência vencê-lo-á. *“Nada mais forte, mais violento do que a mansidão”* - diz o mesmo Santo. E diz ainda: *“O fogo não se apaga com o fogo; o que a água é para a fogo é-o a mansidão para a ira”*.

Diz o Pe. Cláudio: O Superior faça de conta que não sabe que o súbdito murmura ou se queixa dele, nem diga a ninguém que está sentido ou magoado. Não diga: *“Isto não se pode suportar, é preciso castigar o culpado com todo o rigor, não é digno de que se conserve na Congregação”*. Antes diga: *“Tenho pena dele, não pensou no que disse, rezemos por ele, antes quero amá-lo do que humilhá-lo”*. Estes são paternais.

Correcção branda e suave (*blande et dulciter*), diz S.Lourenço Justiniano. “*Não sejas demasiadamente injusto, nem te tornes insensato. Para quê irias morrer antes do tempo?*” (Ecl. 7, 17). Vencer a justiça com a bondade. Perdoe o Superior àqueles que cometem contra si faltas que não merecem perdão. O Superior não deve ser áspero, diz o Pe. Cláudio. É áspero quando crê em demasia nas primeiras acusações que lhe fazem e não muda facilmente, quando aplica as mesmas penas às pequenas e grandes faltas, quando, bastando um aviso, dá um castigo, quando não sabe esperar a oportunidade de lugar e de tempo, quando, devendo fazer a correcção em segredo, a faz publicamente para confundir o súbdito, quando na correcção mostra que age mais pela ira do que por zelo e caridade e manifesta, nas palavras e nos gestos, sinais dum espírito perturbado.

Muito vale, para aproveitar o castigo, que o súbdito tenha ao superior respeito proveniente da sua virtude e probidade e que esteja convencido de que o superior o ama. Contra estes dois conceitos estão:

- 1.º - ver que o superior se deixa arrebatado pela paixão,
- 2.º - ver que o superior não o trata fraternalmente e com amor.

O Superior deve mostrar que é movido pelo zelo e pela caridade e pelo desejo da perfeição dos seus filhos, e que não manda, quando não tempera a austeridade da repreensão com a doçura da esperança que manifesta acerca da emenda e aproveitamento deles.

Pe. Baltazar Álvares: “*Nas coisas pequenas não seja muito severo como se fosse muito justo, nem repreenda com frequência. Porque assim o governo torna-se pesado e duro e, pela frequência, a repreensão envilece, é desprezada e não se sente quando se emprega*”.

S. Bernardo: Paciência passiva - suportar os maus; paciência activa - amar os maus. Ambas são precisas.

13º - “*Os súbditos amem os superiores como pai*”. O Superior deve honrar os bons súbditos perante os de casa e os de fora ainda mais. Com os súbditos mais antigos ou de mais idade trate o superior como se fossem irmãos e iguais, nunca repreendendo mas como que pedindo com mansidão e brandura, e mostrando respeito e atenção para com eles. Este modo de proceder concilia nos superiores maior veneração e amor, e, nos súbditos, maior confiança e obediência.

14.º- Saibam os Superiores, reconhecidos nesta fragilidade da nossa vida e o desconhecimento de muitas coisas, os defeitos ou erros que cometeram, confessá-los com simplicidade, se se espera que assim aplacarão o súbdito ofendido ou mal disposto.

O Superior, se ofendeu algum súbdito, mesmo inconscientemente ou com razão, não deve envergonhar-se de pedir perdão à imitação dos Santos.

O Pe. Sebastião Romeu não se deitava nunca sem aplacar e dispor bem quem assim se considerasse ofendido por ele.

15.º - O súbdito saiba que o Superior nunca falou dos seus defeitos diante das outras pessoas, antes o elogiou ou desculpou as suas faltas.

S. Bernardo: “A suspeita a respeito do próximo impede a caridade para com ele e é um veneno da amizade”.

S. Boaventura: *“A suspeita dilacera a caridade e destrói a benevolência no próximo para conosco”*.

S. Inácio guardava um silêncio admirável sobre os defeitos e faltas das pessoas de casa.

16.º - O Superior não imponha a um súbdito, contra a vontade dele, cargas ou ocupações pesadas, quando, por causas justas, isso lhe repugne.

S. Inácio estudava as forças, as aptidões e os gostos aos súditos. Entendia ser duro e difícil o que se fazia com repugnância da natureza e tudo o que era violento não se podia aguentar por muito tempo. Isto não quer dizer que os súbditos não devam ter a santa indiferença.

S. Gregório de Nanziano: *“O Superior não leve os súbditos a fazer pela reacção o que devem, mas pela persuasão; porque aquilo que se consegue à força, além de ser tirânico e digno de reprovação, não é firme e estável”*.

17.º - O cuidado, também dos enfermos, produz em larga escala a afeição e a perfeita confiança e abertura dos súbditos para com os superiores, assim como o descuido e a falta de misericórdia afasta os ânimos.

Nosso Senhor disse a Santa Teresa de Jesus que a Superiora que não dava às Irmãs doentes aquilo que a necessidade e o conforto e alívio delas exigia, expunha a perigo a paciência delas.

Procedimento de S. Inácio para com os doentes: Quando algum dos escolásticos do Colégio Romano adoecia, todo ele, em certo modo, tremia com medo. Queria que lhe dissessem logo quem adoecia e que fosse, não outra pessoa a comunicar-lhe a notícia, mas o próprio Reitor do Colégio Romano. Perguntava ao Ecónomo se tinha dado ao Padre Perfeito dos enfermos o que ele lhe pedia para os mesmos enfermos. Se não havia dinheiro para as despesas, vendia roupas ou outros objectos. Mandou construir uma casa no campo para os enfermos, a que nada faltava, e, havendo uma grande carestia, continuou as obras, apesar dos conselhos em contrário, porque “julgava de mais valor a saúde de qualquer Irmão do que todos os tesouros”. De noite vigiava quando um dos Padres estava doente e podia precisar de socorro urgente. Assim, os bons pais são solícitos acerca dos seus filhos.

S. Anselmo era pai para os sãos e mãe para os doentes, diz o seu biógrafo. E até pai e mãe ao mesmo tempo para os sãos e para os enfermos. Assim, tudo lhe diziam como a uma mãe dulcíssima.

Defeitos a evitar:

1.º - Procurar a diminuição do trabalho, ou um remédio, a um súbdito que o pede como necessário para a saúde, por não acreditar nele ou atribuir esse pedido à imaginação ou à sensualidade.

S. Inácio, vendo um noviço mais pálido do que era costume, mandou-o dormir mais, e assim o curou. Não deve o Superior preocupar-se mais com as despesas do que com a tranquilidade e alívio dos seus súbditos.

2.º - Conceder ao súbdito o que ele pede, mas de má vontade, mostrando que isso não lhe agrada, mesmo o médico ou remédio.

3.º - Levar a mal que muitos Irmãos vão ao médico quando ele vem a casa ou, o que é pior, não querer chamar o médico para um doente.

4.º - Dar a um Irmão doente um quarto, uma cama ou roupa de que um são não se serviria.

5.º - Não fornecer melhor comida aos doentes ou convalescentes, ou permitir quem um enfermeiro negligente os sirva mal, e acreditar antes no enfermeiro do que no doente quando este diz que se sente mal.

6.º - Recusar ou conceder de mau grado remédios receitados pelo médico, ou menos eficazes, ou levar o médico a não receitar remédios mais caros, que curassem

mais depressa e que o Superior quieria, para que não se estivesse doente ou para uma pessoa que muito querida.

7.º - Visitar raras vezes o doente ou visitá-lo com cara de enfadado, não manifestando benevolência e compaixão, ou exortá-lo a sair depressa da enfermaria ou da cama.

8.º - Não mudar para outro lugar ou para outra casa um doente ou convalescente que pede mudança de ares, quando há sinais certos de que precisa, como palidez, insónias, náusea de comida, extrema fraqueza e outras semelhantes. Todos usam desta benevolência para com os animais.

9.º - Exprobrar ou queixar-se diante do médico ou diante de outros, na sua ausência, de que se gasta muito com o médico ou com os remédios.

10.º - Apenas debelada a doença, obrigar o convalescente a comer da mesa comum, nada lhe dando de especial, e fazê-lo voltar logo ao trabalho que tinha antes da doença.

11.º - Não dar ao súbdito com um incómodo não grave comida especial, melhor que a da mesa comum; por exemplo, enjoos dos alimentos durante alguns dias, tosse violenta e, durante bastante tempo dores de cabeça ou do ventre durante alguns dias.

12.º - Obrigar todos ao jejum, principalmente da Quaresma, não tendo em atenção a idade, a fraqueza, o trabalho ou a indisposição dos súbditos.

13.º - Não repreender, mesmo publicamente, as pessoas encarregadas dos doentes ou convalescentes, se souber que lhes recusou o que era necessário.

14.º - Não aceitar os mimos enviados para um enfermo.

15.º - Não se compadecer dos que trabalham mais ou têm trabalhos mais pesados e não lhes subministrar alguns confortos na comida ou na bebida, segundo a necessidade.

O Superior deve observar estes dois preceitos da natureza: ´

1 - O que quierias que te fosse feito ou concedido pelo teu Superior, a ti, enfermo, convalescente ou indisposto, ou a teu pai ou a teu irmão muito querido, faz isso ou concede isso a teu súbdito.

2 - O que não quierias que fosse feito ou recusado a ti ou a uma pessoa querida, não o faças, nem o negues a um teu súbdito. Então tudo corre bem relativamente aos

enfermos, aos indispostos, aos fracos, aos convalescentes, aos que trabalham e aos velhos.

S. Boaventura, no seu opúsculo das *Seis Asas* (avisos aos Superiores), diz: A segunda asa do Superior é a piedade, isto é, a compaixão fraterna na enfermidade. São três as doenças do corpo: os doentes de cama, os que andam de pé mas têm muitas vezes grandes sofrimentos (os que têm cálculos, fístulas, etc.) e os que não sofrem de doença determinada mas são fracos, esgotados, como os velhos, os deprimidos pelos trabalhos e de vez em quando sentem grande incómodo. O Superior acuda aos primeiros com os remédios, aos segundos com a diminuição de rigor no alimento, no vestuário, nas vigílias, etc., aos terceiros com a isenção do trabalho nos ofícios, nos serviços, etc.

Acrescenta ainda: “O bom Superior mostra-se para com os seus Irmãos médico e não tirano, não os considera como jumentos ou como escravos mas como filhos destinados a compartilhar com ele da bem-aventurança eterna, e faz-lhes o que quereria que lhe fizessem, se precisasse como eles.

O venerável Lancício diz: Já tem sucedido dizer-se a um Superior que um doente não come nada há dois dias e ele responder: “*Se não quiser, não coma, deixe ficar: eu outra comida não lhe dou*”. E, escandalizado, o venerável exclama: “Ó coração de padraço, vazio da caridade de Cristo! Se se tratasse duma pessoa muito querida que não comesse, como se apressaria a mandar-lhe preparar outra comida!”

O Pe. Cláudio, S.J. diz: *As coisas que tornam o governo não suave e áspero são:*

1.º - Ao impor encargos, se o próprio encargo que se impõe é pesado e incompatível, o que às vezes pode suceder por falta de discricção ou por debilidade de critério do superior.

2.º - Que acontece com mais frequência, acontece se o encargo em si mesmo não é pesado, mas aquele a quem se impõe é destituído de forças do corpo ou da alma para suportar esse encargo.

3.º - Se, seja o que for que se imponha, isso for feito com palavras ásperas e modo despótico, principalmente se se puder suspeitar que isso procede dalgum affecto ou sentimento desregrado do Superior.

4.º - Se se insiste pela execução no tempo em que o súbdito não está bem disposto, nem se lhe concede tempo nem auxílio para bem se dispor.

5.º - Se tanto as coisas mais graves como as mais leves são exigidas com o mesmo ardor, até as mais leves com maior ardor por serem mais conformes com certos sentimentos particulares daquele que governa.

6.º - Se todas as razões e desculpas dos súbditos são rejeitadas logo à primeira vista como tentação, não o ouvindo com benignidade.

7.º - Se o Superior se mostra desconfiado e de tal maneira disposto para com o súbdito que este se persuade de que em coisa nenhuma é capaz de o contentar.

8.º - Se mostra tão má opinião do súbdito que tudo interprete em mau sentido, o que aflige extremamente.

9.º - Se o Superior, tendo em vista a perfeição do Instituto e das regras, e não se considerando a si mesmo, não sabe compadecer-se das fraquezas, mas exagera os defeitos quando repreende as faltas.

10.º - Se fala ou ordena alguma causa, de modo que o expresse equivocadamente ou obscuramente e como se, de propósito, não queira entender, para ter sempre a liberdade de repreender o súbdito, o que magoa profundamente os súbditos.

11.º - Se quase recusa as coisas que são pedidas, porque deve ter-se em linha de conta o que se pede, aquele que pede, a edificação dos de fora e dos de casa, e, finalmente, a utilidade daquele que pede.

12.º - Se interpreta escrupulosamente e com mais rigor o que é duvidoso.

Nada disto aparece nos pais prudentes e bons, que amam os filhos paternalmente e não à maneira de padrastos e madrastas.

Pais segundo o espírito maior é a obrigação. Não procedam à correcção fraterna quando virem o súbdito indisposto ou perturbado.

Pe. Baltazar Álvares diz: Quando o súbdito resiste, em virtude da perturbação de espírito em que se encontra, o superior domine-se, lembrando-se de que ele é seu irmão, membro de Cristo e imagem de Deus, e que está tentado pelo demónio. Se não o souber levar naquela ocasião, pode dar ocasião a que se perca a sua alma, pela salvação da qual Nosso Senhor morreu. Use então de benignidade e misericórdia, pense que está sujeito à mesma fraqueza, dê graças a Deus por lhe ter concedido o poder de perdoar. *Noli vincere a malo, sed vincere, in bono, malum.* (S. Paulo).

Impede também a confiança da súbdita e a sinceridade em se abrir com a superiora não querer ouvi-la, se quer justificar-se ou apresentar as desculpas do seu acto, ou, quando ela é acusada, não lhe perguntar como as coisas se passaram, ou ainda, o que é pior, condená-la sem a ouvir. Isso seria proceder desumanamente. Isso seria tornar ineficaz e nulo o remédio que se lhe aplicasse. Procedendo assim, a superiora não usaria de misericórdia nem curaria a doença espiritual. Não seria mãe, nem julgaria, nem faria como um bom juiz. Não se deve condenar alguém sem ser ouvido.

Cornélio a Lapide: Uns por soberba e leviandade de espírito, julgando que conhecem e compreendem tudo, precipitam o seu juízo e imediatamente crêem no pior. Outros retêm tenazmente as suas impressões, por uma certa pertinácia da natureza e da fantasia, e não dão lugar à defesa e à desculpa, e levam a mal se ouvem contrariar as suas falsas impressões. E, sem demora, como se estivessem certos do facto de que se trata, repreendem, vituperam e condenam.

Condenar sem ouvir e sem examinar o caso é proibido pela Sagrada Escritura, pelos Santos Padres e Sumos Pontífices e a própria lei natural: *“Não faças a outrem o que não quererias que te fizessem.”*

O Papa Nicolau (1.º?) obrigou Gerardo, Arcebispo de Tours, a restituir a um pároco da sua arquidiocese uma freguesia que lhe tinha tirado, porque tinha sido expulso de lá por um delito que não se tinha provado, nem ele tinha confessado.

“Não se deve condenar um ausente acusado”. É o que ensinam os Sumos Pontífices.

O mesmo fizeram os próprios pagãos: nos seus tribunais, nunca condenaram um réu sem o ouvir.

ÍNDICE TEMÁTICO

Santificação da vida quotidiana.....	3
Renuncia.....	8
Santificação pela busca de Jesus.....	18
Disposições preliminares para a procura de Jesus.....	21
A doçura e a paciência de Nosso Senhor.....	46
O Sagrado Coração de Jesus.....	49
Contemplação para exercitar em nós o Amor Divino.....	51
Meios de perseverança.....	55
Filhos de Deus.....	57
A Missa.....	64
Conselhos às superiores.....	76